



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO SÓCIO - ECONÔMICO**  
**DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

**ACADÊMICA: MARIA IZABEL DA SILVA**

**O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DOS IDOSOS NOS GRUPOS**  
**DE CONVIVÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS:**  
**UMA ANÁLISE DA EFICÁCIA.**

  
**Teresa Kleba Lisboa**  
Chefe do Depto. de Serviço Social  
CSE/UFSC

FLORIANÓPOLIS, NOVEMBRO DE 2004.

DEPTO. SERVIÇO SOCIAL  
DEFENDIDO E APROVADO

EM: 07/11/2004

**Maria Izabel da Silva**

**O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DOS IDOSOS NOS GRUPOS  
DE CONVIVÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS:  
UMA ANÁLISE DA EFICÁCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina.

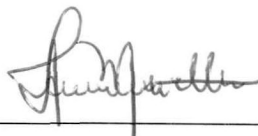
**Orientadora:** Professora Adriana Mueller

Florianópolis, 2004

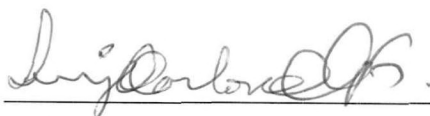
MARIA IZABEL DA SILVA

**O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DOS IDOSOS NOS GRUPOS DE  
CONVIVÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS: UMA ANÁLISE DA EFICÁCIA**

**Trabalho de Conclusão de Curso julgado e aprovado pelo Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, pela Comissão Examinadora integrada pelos membros:**



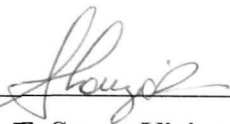
**Profª Adriana Mueller - Orientadora**



**Profº Luiz Carlos Chaves – 1º Examinador**



**Profº Doutor Fernando Kinoshita – 2º Examinador**



**Albertina T. Souza Vieira - Suplente**

Florianópolis, Dezembro de 2004.

Dedico este trabalho aos meus amados pais **Maria José e João Vieira**, exemplos de seres humanos, cujo amor, carinho, apoio e dedicação foram fundamentais para a sua concretização.

## AGRADECIMENTOS

Neste momento tão especial, não poderia deixar de expressar minha gratidão a todos que, de alguma forma, me acompanharam e contribuíram para que essa trajetória fosse cumprida com êxito, graças ao estímulo e apoio recebidos da família e dos amigos, agradeço a honra e o privilégio de estar rodeada por pessoas tão especiais, que sabem compartilhar aspirações e contribuir para que deixem de ser apenas sonhos e esperanças.

Sinto-me feliz em agradecer a todos e, de um modo especial:

Agradeço a **Jesus** por iluminar minha vida, dando-me força, saúde e persistência para superar os obstáculos e dificuldades encontradas pelo caminho.

Aos meus queridos e amados **pais**, pela vida, educação e ensinamentos preciosos, fruto de sua infinita sabedoria, que ora me orientam, fortalecem e sustentam.

Aos meus queridos **irmãos, cunhados(a) e sobrinhos** que, de longe, sempre estiveram torcendo por mim, pelo carinho, amizade e compreensão.

A querida afilhada **Danielle** pelo seu carinho e afeto sincero.

A **Sueli** pela força, apoio e amizade durante toda a caminhada.

A professora **Adriana Mueller**, pelo desafio em orientar este trabalho, com dedicação, compreensão, paciência e muita competência, a qual norteou-me a traçar caminhos e construir idéias.

Ao amigo e mestre **Luiz Carlos**, cujo apoio, orientação e sugestões foram fundamentais para a construção e o êxito deste trabalho.

Aos **ilustres profissionais** que compõem esta **banca examinadora**, pelas preciosas contribuições fundamentais ao enriquecimento deste trabalho, o que reforça e comprova a relevância de um trabalho coletivo e interdisciplinar.

A família catarinense Silveira, em especial a **Sandra, Senen, Sra Lia, Sr. Aurino, Jaqueline e Dutra**, por terem me acolhido carinhosamente, tornando-se minha família de coração.

Aos professores do curso, pela orientação, dedicação, cujos ensinamentos e conhecimentos transmitidos foram fundamentais à minha formação acadêmica e a futura intervenção profissional, em especial aos professores: **Fernando Kinoshita, Luiz Carlos Chaves, Eriberto Meurer, Vera Nogueira, Beatriz Paiva, Bernardete W. Aued, Edalea Ribeiro e Rita de Cássia Gonçalves**.

Aos colegas de estudos e pesquisas do **TMT** (Núcleo de Estudo sobre as Transformações no Mundo do Trabalho – CFH / UFSC), pelas preciosas discussões e debates, fundamentais para a construção do presente projeto.

A equipe técnica do Programa de Atenção a Terceira Idade (**Albertina, Miriam, Yda, Rita, Julie, Sandra, Simone, Ana Paula, Ana Cristina, Izabel e Dalva** entre outros), pela contribuição profissional, colaboração, amizade e companheirismo, reforçando cada vez mais a importância do trabalho em equipe.

A **Prefeitura Municipal de Florianópolis**, pela oportunidade de realização deste estágio curricular no Programa de Atenção a Terceira Idade, em especial a **Albertina** por acreditar na minha competência e trabalho.

Aos **idosos** integrantes dos **grupos de convivência para a terceira idade**, vinculados a Prefeitura Municipal de Florianópolis, os quais oportunizaram-me uma experiência enriquecedora e de grande aprendizado. Em especial aos dois grupos entrevistados (**Jurerê e Mocotó**), por colaborarem na pesquisa para desenvolver este trabalho.

Aos colegas de turma, em especial a **Karany, Lisiane, Marcia e Tatiana**, pelo apoio, companheirismo e amizade sincera, demonstrados nesses quatro anos de convivência.

A todos **vocês** os meus sinceros agradecimentos e o meu abraço especial, sincero e fraterno.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo principal a análise da eficácia do Programa de Atenção a Terceira Idade, junto aos Grupos de Convivência, vinculados a Prefeitura Municipal de Florianópolis. Inicialmente, faz-se a introdução ao assunto, discorrendo sobre o problema a ser investigado a partir de uma consistente base teórica. Em relação à pesquisa empírica, a metodologia utilizada privou pela abordagem quali-quantitativa. Como fonte de coleta de dados fez-se uso da pesquisa documental e bibliográfica, além da entrevista semi-estruturada e da observação. Os resultados da pesquisa evidenciaram a relevância do grupo de convivência na vida dos idosos, quanto ao processo de socialização e prevenção ao isolamento social, contribuindo, assim, para o processo democrático em construção, bem como a ampliação e consolidação da cidadania.

**Palavras-chave:** Programa de Atenção à Terceira Idade – PROATI, Grupos de Convivência, eficácia, cidadania, direitos humanos.

## ABSTRACT

The present work of Conclusao de Curso has as objective main the analysis of the effectiveness of the Program of Attention the Third Age, together to the Groups of Convivencia, tied the Municipal City hall of Florianopolis. Initially, it becomes introduction to the subject, discoursing on the problem to be investigated from a consistent theoretical base. In relation to the empirical research, the used methodology deprived for the qualiquantitativa boarding. As source of collection of data use of bibliographical the documentary research became and, beyond the half-structuralized interview and the comment. The results of the research had evidenced the relevance of the group of convivencia in the life of the aged ones, how much to the process of socialization and prevention to the social isolation, contributing, thus, for the democratic process in construction, as well as the magnifying and consolidation of the citizenship.

**KEY WORDS:** Program of Attention to the third age – PROATI; Groups of Convivencia; Effectiveness; Citizenship and Human Rights.



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Aumento projetado da população de 60 anos ou mais (milhões), 1950-2025 .....	30
<b>Tabela 2</b> – População de idosos no Brasil por faixa etária e domicílio (urbano e rural) .....	31
<b>Tabela 3</b> – Expectativa de vida no Brasil, período 1980-2025 .....	33
<b>Tabela 4</b> – Rendimento médio mensal, por Estado .....	55
<b>Tabela 5</b> – Proporção da população de idosos, por capital .....	56
<b>Tabela 6</b> – Características Sóciodemográficas – Grupo Jurerê .....	82
<b>Tabela 7</b> – Características Sóciodemográficas – Grupo Mocotó .....	85

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**ANG** – Associação Nacional de Gerontologia

**API** – Atenção à Pessoa Idosa

**BPC** – Benefício de Prestação Continuada

**CEI** – Conselho Estadual do Idoso

**CMAS** – Conselho Municipal de Assistência Social

**CMI** – Conselho Municipal do Idoso

**CNAS** – Conselho Nacional de Assistência Social

**FMAS** – Fundo Municipal de Assistência Social

**FNAS** – Fundo Nacional de Assistência Social

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IDH** – Índice de Desenvolvimento Humano

**LBA** – Legião Brasileira de Assistência

**LOAS** – Lei Orgânica de Assistência Social

**NETI** – Núcleo de Estudos da Terceira Idade

**OMS** – Organização Mundial de Saúde

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PMF** – Prefeitura Municipal de Florianópolis

**PNI** – Política Nacional do Idoso

**PROATI** – Programa de Atenção à Terceira Idade

**RMV** – Renda Mensal Vitalícia

**SHTDS** – Secretaria Municipal de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social

**No te turbe**

**Nada te turbe;**

**Nada te espante;**

**Todo se pasa;**

**Dios no se muda,**

**La paciencia**

**Todo lo alcanza.**

**Quien a Dios tiene,**

**Nada le falta.**

**Solo Dios basta.**

**Santa Teresa de Avila (1515-1582)**

*(Letrilla que llevaba por registro en su breviario)*

*(Recebido de um amigo iluminado e muito especial,  
cujo apoio, carinho e sábias orientações foram  
fundamentais para a concretização  
e êxito deste trabalho).*

## **Saber Envelhecer (Vyrena)**

**Saber envelhecer,  
é aceitar a velhice sem rancor,  
curtindo as rugas  
e os fios brancos  
que irão aparecer.**

**Saber envelhecer,  
é não desistir do amor,  
apaixonar-se pela vida,  
com, cada vez,  
mais ardor.**

**Saber envelhecer,  
é ignorar idade, que,  
na realidade, é desculpa  
para brigar com o tempo  
e, renegar, por vaidade,  
a velhice  
que acaba de chegar.**

**Saber envelhecer,  
é viver longe da ilusão  
de que o tempo parou,  
de que a juventude estacionou.  
É tirar da mente a idéia  
de que a velhice é doença  
que algum remédio  
já curou.**

**Saber envelhecer  
é continuar em busca  
da felicidade.  
É relembrar, sem mágoa,  
embora com saudade,  
os tempos da mocidade.**

**Saber envelhecer  
é sentir-se respeitado  
pela experiência de vida  
que o tempo lhe concedeu.**

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>07</b>
<b>LISTA DE TABELAS .....</b>	<b>08</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....</b>	<b>09</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 O IDOSO E AS NOVAS RELAÇÕES SOCIAIS.....</b>	<b>17</b>
1.1 Resgate Histórico: teoria e conceitos.....	17
1.2 Mensuração da velhice .....	25
1.3 O Envelhecimento da população brasileira .....	29
1.4 A inserção do idoso no âmbito da Política Social no Brasil .....	34
1.4.1 Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 .....	35
1.4.2 A Previdência Social como instrumento de cidadania.....	38
1.4.3 Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS .....	40
1.4.4 Benefício de Prestação Continuada – BPC .....	41
1.4.5 Política Nacional do Idoso .....	45
1.4.6 Política Municipal do Idoso de Florianópolis .....	47
1.4.7 Política Estadual do Idoso de Santa Catarina .....	48
1.4.8 Estatuto do Idoso .....	48
<b>2 A POLÍTICA MUNICIPAL DE ATENDIMENTO AO IDOSO EM FLORIANÓPOLIS .....</b>	<b>51</b>
2.1 Prefeitura Municipal de Florianópolis.....	51
2.2 Perfil do Idoso em Florianópolis .....	54
2.3 Programa de Atenção à Terceira Idade - PROATI.....	57
2.4 Projeto “Dinamização e Apoio aos Grupos de Convivência para a Terceira Idade”.....	62
2.5 A intervenção do Assistente Social nos Grupos de Convivência.....	65

<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>69</b>
3.1 Procedimentos Metodológicos.....	69
3.2 Natureza e caracterização da pesquisa.....	73
3.3 População / Sujeitos.....	76
3.4 Limites .....	77
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA EMPÍRICA.....</b>	<b>79</b>
4.1 Perfil dos Grupos pesquisados.....	79
4.2 Interpretação de dados .....	85
<b>5 RECOMENDAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>108</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>112</b>

## INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*O processo de socialização dos idosos nos grupos de convivência em Florianópolis: uma análise da eficácia*”, é uma exigência do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Este trabalho apresenta a descrição e a reflexão das atividades desenvolvidas no transcorrer do estágio extra-curricular e curricular, realizado no período de agosto de 2001 a dezembro de 2004, cuja atuação prática específica se deu junto aos grupos de convivência de terceira idade, no Projeto “Dinamização e Apoio aos Grupos de Convivência para a Terceira Idade”, vinculado a Prefeitura Municipal de Florianópolis, através do Programa de Atenção à Terceira Idade - PROATI, inserido na Gerência de Assistência Social, a qual é vinculada à Secretaria Municipal de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social.

Sabe-se que nas últimas décadas, o envelhecimento populacional tornou-se uma preocupação e também um desafio para a sociedade, principalmente nos países subdesenvolvidos, como é o caso do Brasil, tendo em vista o despreparo destes países para atender este novo contingente populacional.

No Brasil, especificamente, alguns fatores como a rapidez do envelhecimento da população e a má distribuição de renda contribuem para o agravamento da questão, além das constantes e rápidas transformações de ordem econômica, política, social e cultural.

É bem verdade que o envelhecimento populacional do Brasil foi reconhecido como questão social pelo Estado, a partir da década de 1970, especialmente com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Com vistas a explorar a referida temática, o presente trabalho tem o objetivo de analisar a eficácia do Programa de Atenção à Terceira Idade – PROATI, no atendimento a Pessoa Idosa em Grupos de Convivência, visando a identificação dos limites e avanços no desenvolvimento das suas ações.

Em relação à organização do trabalho, faz-se necessário relatar que o mesmo está estruturado em cinco capítulos que documentam todo o estudo realizado. No primeiro capítulo, são tratadas questões relativas à conceituação da temática abordada, buscando esclarecer a grande variação terminológica existente, além de focar o idoso na sociedade contemporânea, evidenciando a exclusão social e o processo crescente de preconceito e discriminação em relação aos mais velhos, pautados na lógica capitalista e no modelo neoliberal. Na seqüência, descreve-se a respeito da mensuração da velhice a partir de seus aspectos cronológicos, biológicos e psico-sociais, bem como a inserção do idoso no âmbito da Política Social no Brasil.

O segundo capítulo trata da Política Municipal de Atendimento ao Idoso em Florianópolis e contempla a atual estrutura da Prefeitura, a Secretaria Municipal da Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social, as suas Gerências e Divisões e prioriza o Programa de Atenção à Terceira Idade, por ser este o mecanismo de viabilização da política de atenção à pessoa idosa adotada pelo município, através de vários projetos, especialmente o de Dinamização e Apoio dos Grupos de Convivência para a Terceira Idade.

A metodologia da pesquisa constitui o terceiro capítulo deste trabalho, o qual compreende os procedimentos metodológicos utilizados, a natureza e caracterização da pesquisa, seus sujeitos e os limites aos quais a mesma está sujeita.

O quarto capítulo destina-se a apresentação e análise da pesquisa empírica.



No quinto capítulo, são apresentadas as considerações finais obtidas a partir da construção do estudo desenvolvido.

Por fim, são elencadas as referências bibliográficas utilizadas e, em seqüência, os apêndices e anexos.

## **1 O IDOSO E AS NOVAS RELAÇÕES SOCIAIS**

Inicialmente, o presente capítulo contempla o resgate histórico alusivo à temática abordada, enfocando o idoso e as relações sociais na sociedade contemporânea e esclarecendo a grande variação terminológica existente. Em seguida, apresenta a mensuração da velhice, a partir dos aspectos cronológicos, biológicos e psico-sociais. O próximo tópico descreve sobre o processo de envelhecimento da população brasileira, a inserção do idoso no âmbito da Política Social no Brasil, retratando a evolução de seus direitos.

### **1.1 Resgate histórico: teoria e conceitos**

A velhice não é um fato novo na humanidade. Os idosos sempre existiram como indivíduos ou como personagens literários, desde o bíblico Matusalém até o atual Papa João Paulo II. Há, na verdade, uma multidão de idosos nos mais diferentes lares, países e continentes, porém cada um vivenciando a experiência de sê-lo de forma particular, conforme suas características biológicas, psicológicas e o seu respectivo contexto social. Na China antiga, Confúcio (filósofo e teórico social, viveu na China feudal, no período entre 551 e 479 ac.), já enfatizava a importância do idoso e salientava o quanto era fundamental que as famílias o respeitassem e seguissem seu exemplo, ouvindo seus ensinamentos e sua sabedoria.

No Brasil, é importante lembrar que um marco decisivo na abordagem desta temática foi o texto de Simone de Beauvoir “A velhice”, publicado em 1970, o qual segundo a autora, tinha como objetivo quebrar a “conspiração do silêncio” que

caracterizava o tratamento dado ao assunto até então. Portanto, pode-se considerar que somente nas últimas décadas do século XX é que a velhice passou a representar uma preocupação nova como categoria social, sendo um tema privilegiado e inserido nos campos de discussão das ciências sociais e humanas.

No mundo animal, os mais velhos são considerados os mais experientes e aqueles que transmitem mais segurança, tendo, portanto mais prestígio. No caso das abelhas, por exemplo, há uma hierarquia natural de papéis sociais, cujas mudanças são programadas entre elas com o passar do tempo, segundo Costa (1998). Beauvoir (1976) comenta sobre alguns casos interessantes. Um deles fala da velha gralha que avisa o perigo próximo, possibilitando que as demais fujam imediatamente. Porém, se o mesmo alarme for dado por uma gralha nova, as outras não lhe darão ouvidos. Outro exemplo é o do chimpanzé velho que aprende a pedir bananas através de um complicado aparelho, sendo imitado pelos outros. Entretanto, quando a mesma experiência é feita com um chimpanzé jovem, o resultado é bem diferente, pois os demais não tentam imitá-lo.

Estas experiências com animais “irracionais” parecem apresentar uma sabedoria “instintiva”, a qual os seres humanos, ditos “animais racionais”, ainda não conseguiram alcançar: o respeito ao ser humano mais velho, detentor do poder da experiência, do conhecimento e da sabedoria.

Em antigas culturas e civilizações, observa-se que a velhice era vista com respeito e veneração, representando a experiência, o valioso saber acumulado ao longo dos anos, a prudência e a reflexão. Segundo Costa (1998), na sociedade pré-industrial, o ser humano ia no decorrer de sua vida aprendendo coisas e acumulando papéis sociais, o que paralelamente lhe fornecia status. Quando envelhecia, continuava sendo considerado, respeitado, amado e totalmente identificado com os valores vigentes naquele contexto social. O casal ancião era visto como os avós, uma referência familiar, alvo de muito

carinho e respeito por parte dos seus familiares, os quais assumiam papéis de colaboração ou de patriarca e matriarca, exercendo a função de ensinar, oferecer, transmitir conhecimentos, pois guardavam consigo a força da sabedoria.

A autora comenta, entretanto, que na sociedade industrial ou tecnológica não se admite alguém que não produza. Quando se aproxima da chamada “meia-idade”, percebe-se que inúmeras “portas sociais” começam a se fechar. No Brasil, onde o aforismo “país de jovens” se evidencia, quando o cidadão nesta faixa de idade (40 anos) perde o emprego, dificilmente encontrará outro. Bosi (1999, p.77) afirma que “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social”, e que “a sociedade industrial é maléfica para a velhice”, pois rejeita o indivíduo na medida em que ele perde a condição de vender força de trabalho.

Entretanto, nas civilizações orientais atuais, o respeito e a veneração ao “velho” ainda é uma realidade. De acordo com Costa (1998), no Japão, existe um feriado nacional denominado “Dia do Idoso”, sendo que em 1985, através do Ministério da Saúde e Aposentadoria, criou-se o termo “*Jitsunen*”, que significa “idade da fruição” para designar a vida após os 50 anos, período este em que as pessoas usufruem o que construíram ao longo da vida, isto é, desfrutam do bem estar, gozam a vida de forma plena, de forma harmônica. A autora refere-se ao Jornal da Tarde de 17/10/1986 (São Paulo), cuja reportagem intitulada “O país dos velhos”, comenta que o Japão orgulha-se em ser o país com a média de vida mais longa do mundo, porém preocupa-se com a situação atual, onde muitos “velhos” estão vivendo uma vida solitária e empobrecida de bens materiais. As pensões sociais são baixas e é crescente o número daqueles que vivem em asilos do governo, longe dos seus familiares. Antigamente, os velhos japoneses viviam com o filho mais velho, considerado pela lei o herdeiro único, facilitando financeiramente os seus cuidados. Após a Segunda Guerra Mundial, foi instituída a herança igualitária para todos

os filhos, o que por um lado, propiciou a divisão dos bens de forma mais democrática, mas por outro, prejudicou a assistência ao ancião, que hoje fica à mercê do governo ou da caridade dos filhos.

Nas culturas contemporâneas ocidentais, ao contrário, a discriminação aos “velhos” vem sendo o resultado dos valores típicos de uma sociedade consumista e de mercantilização das relações sociais, do exagerado enaltecimento da juventude, do novo, do belo e também do descartável, além da desvalorização total do saber adquirido com a experiência de vida e da super valorização do ter em detrimento do ser. Para Rúdio (1993, p.75) “A sociedade é pautada num sistema de valores que dirige a vida humana para o consumismo, o lucro, a busca de promoção social. Todos esses fatores descentralizam o homem de si mesmo e fazem com que ele perca o seu significado de ser humano”.

Reportando-se a Betto (2000, p.26):

O neoliberalismo descobriu o que os alquimistas e cientistas buscavam havia séculos, o elixir da eterna juventude. Malhar, submeter-se a cirurgias plásticas, vestir-se e agir como se fosse eternamente jovem. Isso influi diretamente nas relações pessoais e sociais, criando novos apartheids, onde são excluídos aqueles que não correspondem aos modelitos do consumismo imperante como os gordos, os velhos e os feios.

Assim sendo, a imagem da velhice é muito estigmatizada, considerada como algo ruim, sombrio, assustador, porque representa a negação de valores até então cultuados e supervalorizados, como a beleza eterna, a rigidez, a produtividade, a força e o poder, valores estes considerados próprios da juventude, e por isso almejados por muitos. O estigma da velhice não se refere somente a idade cronológica, pois na sociedade capitalista estes traços estigmatizadores estão ligados a valores e conceitos depreciativos de tudo o que se diferencia do estabelecido e aceito como modelo padrão, a exemplo da feiúra, da doença, da obesidade, da raça, da etnia, da desesperança, da solidão, do desemprego, da pobreza, da falta de consciência de si e do mundo, dentre outros. Segundo Goffman (1980), este estigma é um “atributo profundamente depreciativo” que torna o indivíduo

diferente dos outros, os quais se encontram em categorias nas quais o mesmo pudesse ser incluído.

Neste sentido, reportando-se a Beauvoir (1976, p.16):

O mundo fecha os olhos aos velhos, assim como aos jovens delinqüentes, as crianças abandonadas, aos aleijados, aos deficientes, todos estigmatizados, nivelados em um mesmo plano.

Esta estigmatização, depreciação e discriminação de tudo o que está fora do padrão, como é o caso da velhice no Brasil, leva a uma negação da própria existência, isto é, os idosos não se reconhecem como tal, a velhice é vista no sentido depreciativo, como algo terrível; é a condenação ao fim da vida, é a negação de qualquer direito até mesmo o de existir. No território brasileiro, percebe-se que ser velho é tão difícil quanto ser negro, ambos ainda são tratados como minoria, apesar dos números evidentes e crescentes. Entretanto, no caso dos negros, percebe-se haver uma distorção numérica da realidade, haja visto que os próprios negros não se reconhecem como tal, uma vez que alguns se assumem como “pardos”, negando sua raça, em busca de tentar talvez minimizar o preconceito e a discriminação racial histórica sofrida. Quanto à velhice, é difícil negá-la, há alternativas cosméticas e cirúrgicas para retardá-la, mas um dia ela será evidente, inegável e irreversível, restando, então, apenas a alternativa de aceitá-la com resignação e se adequar a ela da melhor maneira possível, que é peculiar de cada indivíduo.

É evidente a discriminação que os idosos sofrem na sociedade ocidental. As terminologias utilizadas para designar a categoria “velhice”, denominando-a de “terceira idade” ou “melhor idade”, procurando “ocultá-la”, por si demonstram o preconceito.

Costa (1998) não faz nenhuma distinção entre os termos “velho”, “idoso” e “geronto” para referir-se as pessoas da chamada terceira idade. Segundo a autora “O emprego das palavras “velho”, “velhice”, “idoso” (e outras da mesma natureza) não deve conter em si um significado negativo, ao contrário, devemos usá-las de maneira

espontânea, desprendida, natural” (*ibid*, p. 28). O pressuposto da autora vai ao encontro dos ensinamentos de Marx (1996, p. 248) quanto este afirma que “A pólvora continua sendo pólvora, indiferentemente, quer seja utilizada para ferir um homem quer para curar suas feridas”. Portanto, diante do exposto, pressupõe-se pensar que as expressões velho, velhice, idoso, por si não dizem nada, são abstrações, o que as difere são os significados que lhes são atribuídos, de acordo com os valores pessoais, isto é, as relações específicas nas quais estão inseridas.

O autor Zimerman (2000, p. 10) utiliza a palavra velho propositalmente para referir-se às pessoas da terceira idade, por achar que o termo não tem nada de depreciativo e argumenta: “Pelo contrário: depreciativo é substituir a palavra velho por eufemismos, como se ser velho fosse um defeito que devesse ser escondido”, e conclui “o que deve ser mudado não é a forma de se referir ao velho, mas sim a maneira de tratá-lo”.

Afirma ainda, que:

O termo terceira idade acentua a discriminação negativa da velhice, na medida em que separa as pessoas que apresentam juventude (embora aposentados) daquelas outras as quais estão incapacitadas para quaisquer atividades (físicas ou não). (ZIMERMAN, 2000, p.10).

A partir das diferentes classificações que caracterizam as idades/etapas do processo de envelhecimento do ser humano, apresentam-se algumas considerações históricas das terminologias e representações mais utilizadas para referir-se a pessoa em idade avançada, dentre as quais, segundo Mazo (2001), destacam-se: velho, idoso, terceira idade, melhor idade, entre outras.

Na França, no século XIX, a expressão velho ou velhote referia-se ao indivíduo indigente (não possuía bens), enquanto que os que possuíam bens e certa posição social, eram chamados de idosos.

No Brasil, com a influência francesa, o termo idoso passa a ser utilizado nos documentos oficiais, inclusive aparece na Constituição Federal de 1988 (artigo 230).

Entretanto, segundo Peixoto (2000, p.78):

Isso não significa a implantação de uma política social voltada especificamente para a velhice. Trocam-se apenas as etiquetas [...] a categoria idoso invade todos os domínios e o termo velho passa a ser sinônimo de decadência, sendo banido dos textos oficiais.

O autor adverte, ainda, que os termos “idoso” e “velho” são utilizados no Brasil, de acordo com a camada social e econômica respectiva. O termo idoso designa, principalmente, as pessoas mais velhas, as quais são mais respeitadas e mais ricas, enquanto que o “termo velho tem uma conotação negativa ao designar, sobretudo, as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio” (PEIXOTO, 2000, p.78).

Outra terminologia, de influência francesa, utilizada no Brasil é a “terceira idade”, designada com respeito à representação dos jovens aposentados. Nesse sentido, Peixoto (2000, p.76) afirma que o termo “terceira idade” é:

Sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo.

Entretanto, segundo Novais (1992), a expressão “terceira idade” não lhe agrada totalmente, por conter uma conotação de inferioridade, pois qualquer coisa que seja “terceira” é inferior à “primeira” e à “segunda” (ex: Brasil, país do terceiro mundo). Outro autor a interpretar este termo é Martinez (1997, p.23), afirmando que a utilização deste termo não indica, muitas vezes, qual segmento etário está se referindo, sendo apenas “eufemismo, caracterizador de categoria ou grupo e não de individualidade, tenta a impossível missão de arredar do mais velho a idade avançada”.



Assim, surge o interesse pela chamada “terceira idade”, sendo que os idosos tornaram-se foco de atenção da mídia e do mercado consumidor, o qual passou a investir em atividades como esporte, lazer e viagens, visando a possibilidade de lucros. A este respeito, Viana (2000) argumenta que a terceira idade vem se tornando cada vez mais visível, produtiva e participativa, sendo notório a expansão da rede de proteção ao idoso, impulsionada por iniciativas associativistas, cujos objetivos diversos destaca-se: o lazer, o entretenimento, o turismo, o compartilhamento de problemas, a busca de serviços especiais, voltados principalmente para a área da saúde e melhoria da qualidade de vida. Entretanto, percebe-se que esse consumo não é acessível a grande maioria do referido segmento populacional.

Os idosos passam a ser um tema alvo das preocupações das Políticas Sociais, quanto à qualidade de vida e prevenção de doenças, em virtude da longevidade, isto é, o aumento da expectativa de vida, bem como do crescimento rápido desse segmento da população. Segundo Demo (1978, p.52), no Brasil, as políticas públicas se definem como “o funcionamento de instituições, mecanismos ou programas destinados a reduzir as desigualdades sociais ou atender grupos populacionais considerados socialmente vulneráveis”. Neste sentido, o crescente aumento da população idosa vem exigindo a criação de políticas e programas sociais, merecendo a atenção de profissionais, organizações governamentais e não governamentais, que necessitam estar cada vez mais comprometidos com a garantia e conquista de direitos desse segmento da sociedade.

Na França, já existe a “quarta idade”, para designar os velhos idosos, acima de 75 anos. No Brasil, também já se fala sobre ela, porém Peixoto (2003) adverte que, ao adotar as características da França, o Brasil mascara as diferenças de classe social e econômica existentes entre os mesmos.

Reportando-se a Mazo (2001), percebe-se que o termo “melhor idade” originou-se a partir de uma pesquisa realizada em Baltimore-USA, em 1958, enfatizando os ganhos adquiridos na velhice, determinando uma nova concepção de envelhecimento, onde o corpo teria idade cronológica e a mente não teria fronteira.

Por fim, cabe ressaltar que essas terminologias muitas vezes são utilizadas visando atrair os idosos ao mercado de consumo e às promoções pessoais, com interesses econômicos, políticos e sociais. Deve-se, então, conceder especial atenção quanto a utilização das diferentes terminologias, as quais estão vinculadas ao respectivo contexto histórico, cultural e social, além de estarem impregnadas de preconceitos, aspectos negativos e pejorativos, mascarando e ocultando a realidade. Sendo assim, é de fundamental importância a adoção conceitual, a qual deve ser pautada no comprometimento ético e acima de tudo no respeito ao ser humano.

## **1.2 Mensuração da velhice**

Será possível mensurar a velhice? Hipócrates *apud* BEAUVOIR (1990, p.23), relacionando a existência às estações da natureza, afirma que a velhice corresponde ao inverno e que começaria aos 56 anos. Aristóteles *apud* LOUREIRO (1998, p.20), entende que o homem começa a envelhecer aos 50 anos de idade. Gutton *apud* LOUREIRO (1998, p.20), citando B. Glanville, afirma que, em 1556, considerava-se que a velhice começava pouco após os 35 anos de idade. Melo (1981) *apud* COSTA (1998) acredita que o processo de envelhecimento já se inicia a partir de nossa fecundação.

Alguns autores entendem que existem várias idades para caracterizar a velhice, Ramirez (1981) *apud* COSTA (1998, p.31), por exemplo, admite “a psicológica” (idade do espírito), a mental (idade do critério e do entendimento), a social (idade imposta pela comunidade), a cultural (idade dos conhecimentos) e a econômica (idade dos recursos para satisfazer necessidades)”. De acordo com o autor “há pessoas cronologicamente de 60 anos, biologicamente de 30 anos, psiquicamente de 40, mentalmente de 50, culturalmente de 20 e socialmente de 80” (*ibid*, p. 44).

Outro exemplo a ser mencionado é o de Costa (1998), que considera a idade sob três aspectos: cronológico (idade real calculada a partir da data de nascimento), biológico (aquela que o nosso corpo biológico estabelece) e pessoal (aquela que a própria pessoa determina, é como ela se sente). Segundo a autora (1998, p.39) “o medo e o preconceito existem, e isso acaba dificultando a aceitação do envelhecimento como processo natural da vida”.

A psicóloga e gerontóloga Wagner (1989) entende que existem várias “idades” para a velhice: cronológica, biológica, social e psicológica, sendo que cada uma dessas etapas apresenta diferentes características, que são imprescindíveis para o entendimento do todo, isto é, da velhice como representação humana.

A história está repleta de exemplos de homens e mulheres que não envelheceram psicologicamente, isto é, continuaram vivendo a vida ativamente em toda sua plenitude, dentre os quais destacam-se os seguintes:

- Francisco Cândido Xavier, líder espiritual brasileiro, conhecido mundialmente, faleceu aos 92 anos da idade (1910-2002), plenamente lúcido e ativo, escrevendo.
- Mahatma Gandhi, líder indiano, conhecido mundialmente, pela sua luta em prol da paz no planeta, faleceu aos 79 anos (1869-1948), em pleno vigor e ativo.

- Michelangelo, aos 71 anos, projetou a cúpula da Basílica de São Pedro. Faleceu aos 89 anos (1475-1564), 04 dias depois de pintar a famosa Pietà inacabada do Palácio Sforza, em Milão.
- Sigmund Freud, faleceu aos 83 anos (1856-1939), escrevendo sua obra *Copendium da Psicanálise*.
- Karl Marx, faleceu aos 65 anos (1818-1883), escrevendo e super ativo.
- Albert Einstein, físico alemão, conhecido mundialmente pela sua teoria da relatividade, faleceu aos 76 anos (1879-1955), lúcido a ativo.
- Platão morreu com 81 anos de idade, escrevendo.
- Pablo Picasso faleceu aos 91 anos, após dedicar 75 anos à arte, criando mais de 20.000 obras entre pinturas, esculturas, etc.
- Charles Chaplin faleceu com 88 anos, lúcido e criativo, após 70 anos dedicados ao cinema.
- Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, intelectuais franceses conhecidos mundialmente, faleceram com 75 e 78 anos respectivamente, em pleno gozo de sua inteligência e criatividade.

Segundo Sartre *apud* BOSI (1999, p.79) “a velhice é um irrealizável”, isto é, “uma situação composta de aspectos percebidos pelo outro e, como tal, reificados que transcendem nossa consciência”, conseqüentemente “nunca poderei assumir a velhice enquanto exterioridade, nunca poderei assumi-la existencialmente, tal como ela é para o outro, fora de mim”.

Assim, aceitar a velhice significa tomar contato com uma imagem externa, que aos olhos dos outros já era uma verdade. Segundo Agustini (2003, p.31) “este momento não só é traumático, como constitui o instante em que se apresenta uma crise de identidade”. Até

então, viveram a tranquilidade de ser “na maior parte do tempo, uns sem-idade” segundo Kundera (1991) *apud* AGUSTINI (2003, p.32), passando então a enfrentar a fase difícil resultante do somatório da idade determinada, classificada, quantificada. Portanto, a idade perde o seu caráter abstrato e se materializa sob a forma da velhice.

A velhice é parte integrante do ciclo natural da vida, manifestando-se através das transformações que a caracterizam (nascer, crescer, amadurecer, envelhecer e morrer), constituindo-se uma experiência individualizada, particular, única e histórica. Nesse sentido, Bosi (1999, p.18) afirma que “ser velho é lutar para continuar sendo homem”, o que implica no esforço de resistência contra a perda de identidade, da memória e da história individual. Considerando que a identidade, segundo Ciampa (1995, p.69): “não é uma simples imagem mental de mim-mesmo, pois ela se configurou na relação com outrem que também me identifica como idêntico a mim-mesmo”. Isto significa que a identidade não se limita a auto-imagem, que é o seu lado subjetivo, ela é também objetiva, em um determinado contexto social.

Para Luna e Baptista (2001, p.46):

A identidade é formada por aquilo que percebemos ser (nossa auto-imagem), por aquilo que os outros percebem que somos e, também, por aquilo que percebemos sobre o que os outros percebem a nosso respeito.

Entretanto, faz-se necessário distinguir conceitualmente velhice e envelhecimento, conforme Costa (1998, p.26):

Velhice: é o estado de ser velho, o produto do envelhecimento, o resultado do processo de envelhecer.

Envelhecimento: processo evolutivo, um ato contínuo, isto é, sem interrupção, que acontece a partir do nascimento do indivíduo até o momento de sua morte [...] é o processo constante de transformação.

A Organização Mundial da Saúde – OMS e a Organização das Nações Unidas – ONU, consideram para efeito de mensurar a velhice, 65 anos nos países desenvolvidos (onde presume-se que há melhores condições de vida) e 60 anos nos países em desenvolvimento, cuja expectativa de vida é menor.

Assim sendo e com base em Agustini (2003), percebe-se que hoje fala-se em velhice e não em envelhecimento, a qual é determinada de forma arbitrária e generalizada, através da classificação de todos os cidadãos, baseados tão somente na sua idade cronológica, desconsiderando totalmente seus aspectos individuais e peculiares, designando, portanto, um estado cronológico, emocional e legal, onde a passividade da velhice (e da aposentadoria) se transforma em atividade, passando a exigir um lugar mais destacado no convívio social. Trata-se, sobretudo, de um segmento heterogêneo e complexo, composto por cidadãos com trajetórias de vida diferenciadas.

Sabe-se, todavia, que o envelhecimento é um processo de perdas biológicas e sociais, que traz vulnerabilidades que são diferenciadas por gênero, idade, grupo social, raças e regiões geográficas, entre outros. O momento (idade) em que elas se iniciam também é bastante diferenciado, é um processo único e peculiar a cada indivíduo. Tais vulnerabilidades são afetadas pelas capacidades básicas (que o indivíduo nasceu), por outras adquiridas ao longo da vida e pelo contexto social no qual o idoso está inserido, durante esta fase da sua existência. Assim sendo, as políticas públicas tem um papel fundamental na redução do impacto dessas vulnerabilidades sobre a vida dos idosos, de suas respectivas famílias e sobre a sociedade em geral.

### 1.3 O envelhecimento da população brasileira

O envelhecimento populacional<sup>1</sup> é, hoje, um fenômeno mundial. Conforme dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Censo 2000), em 1950 havia cerca de 204 milhões de idosos no mundo, e posteriormente em 1998, quase cinco décadas depois, alcançava 579 milhões de pessoas, representando um crescimento de quase 8 milhões de idosos por ano. Atualmente, os números mostram que, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais, sendo a previsão estimada para 2050, a relação será de um idoso para cada cinco pessoas em todo o mundo, e um idoso para três pessoas nos países desenvolvidos.

A população idosa brasileira (60 anos ou mais), num período de 75 anos (1950-2025), atingirá a impressionante cifra de crescimento de 1.514,3%, conforme demonstrado abaixo:

**Tabela 1** – Aumento projetado da população de 60 anos ou mais (milhões)1950-2025

<b>Regiões</b>	<b>2025</b>	<b>2000</b>	<b>1975</b>	<b>1950</b>	<b>Aumento %</b>
China	284,10	134,5	73,3	42,5	668,5
India	146,20	65,6	29,7	31,9	429,3
USSR	71,30	54,3	33,9	16,2	440,1
USA	67,30	40,1	31,6	18,5	363,8
Japão	33,134	26,4	13,0	6,4	517,2
Brasil	31,80	14,3	6,2	2,1	1514,3
Indonésia	31,20	14,9	6,8	3,8	821,1

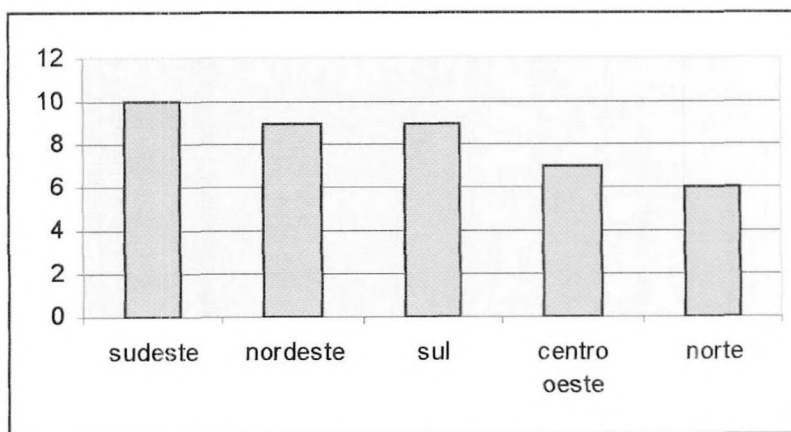
Fonte: ONU, Diesa, The world aging situation, 1985 apud Agustini (2002, p.47)

<sup>1</sup> O envelhecimento populacional significa um crescimento mais elevado da população idosa em relação aos demais grupos etários, segundo Agustini (2003).

No Brasil, especificamente, o número de idosos (60 anos ou mais) vem aumentando de forma acelerada e assustadora, haja visto que, segundo o IBGE (Censo 2000), em 1940 eles representavam 4% da população total. Em 1980, os dados registrados eram 6,06%, em 1990 subiram para 7,06%, em 2000 correspondiam a 8,6%, e a previsão para 2025 é que passem a representar 15% da população brasileira, significando que o país está envelhecendo rapidamente. Além disso, a proporção da população “mais idosa”, ou seja, a de 80 anos ou mais, também está aumentando, alterando a composição etária dentro do próprio grupo, pois, o contingente denominado “idoso” está envelhecendo, o que reflete a heterogeneidade do referido segmento populacional. Segundo a Previdência Social (2004), estima-se que haja hoje no Brasil aproximadamente 30.000 centenários, isto é, pessoas com 100 anos ou mais, estando a maioria destes na região nordeste do país.

Segundo o IBGE (Censo 2000), a maior concentração de idosos no Brasil está na região Sudeste (10%) e a menor na região Norte (6%), conforme demonstra o gráfico abaixo:

**Gráfico 1** – Percentual da população acima de 60 anos nas regiões brasileiras



A tabela número 2, a seguir, apresenta a população idosa brasileira, sua divisão por sexo, por situação de domicílio, conforme os grupos de idade:



**Tabela 2** – População de idosos no Brasil por faixa etária e domicílio (urbano e rural):

<b>Idade/ anos</b>	<b>Total</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>
60-64	4.586.331	2.100.457	2.485.874	3.623.006	963.325
65-69	3.684.503	1.579.833	2.004.670	2.912.969	771.534
+ 70	6.241.969	2.704.305	3.537.664	4.983.875	1.258.094

Fonte: IBGE – Síntese de Indicadores Sociais (2000).

O envelhecimento da população brasileira é reflexo do aumento da expectativa de vida, devido ao avanço no campo da saúde e à redução da taxa de natalidade. Prova disso é a participação dos idosos com 75 anos ou mais no total da população, haja visto que em 1991 eles totalizavam 2,4 milhões (1,6%) e, em 2000 3,6 milhões (2,1%), segundo o IBGE (Censo 2000).

A população brasileira vive hoje, em média, 76 anos, próximo do padrão europeu, devido, principalmente, à queda das taxas de natalidade e mortalidade (Anais, 1996). É inegável a mudança na estrutura etária do Brasil que, até 1970, era composta pela maioria jovem – menores de 15 anos, diminuindo gradativamente. A partir de então, com a queda da taxa de fertilidade e o aumento da expectativa de vida, o grupo de jovens passou a representar, proporcionalmente, bem menos no cômputo geral da população, aumentando então o grupo de pessoas entre 15 e 64 anos e idosos acima de 65 anos.

Percebe-se, ainda, que hoje uma considerável parte dos idosos brasileiros são chefes de família, visto que nessas famílias a renda média é superior àquelas chefiadas por adultos não-idosos. Segundo o Censo 2000, 62,4% dos idosos e 37,6% das idosas são chefes de família, somando 8,9 milhões de pessoas. Além disso, 54,5% desses idosos chefes de família vivem com os seus filhos e os sustentam. Agustini (2003) afirma que nos países do terceiro mundo, como é o caso do Brasil, onde as crises financeiras são uma

constante e repercutem, principalmente nos mais jovens, não há como ignorar que é o idoso que adquire uma posição importante na sustentação econômica familiar.

O envelhecimento apresenta-se também como uma questão de gênero, visto que, em consequência da sobremortalidade masculina, as mulheres predominam entre os idosos. No Brasil, em 2000 (IBGE), elas correspondiam a 55% da população idosa. Percebe-se que quanto mais velho o contingente idoso, mais elevada é a proporção de mulheres, considerando que num grupo com faixa etária de 80 anos ou mais, o percentual comparável eleva-se para 60%. Entretanto, convém mencionar que a população feminina é relativamente superior a masculina, em todas as faixas etárias, diferença essa que se acentua consideravelmente na terceira idade.

A seguir, apresenta-se dados referentes a expectativa de vida no Brasil:

**Tabela 3** – Expectativa de vida no Brasil, período 1980-2025

<b>Período</b>	<b>Sexo</b>	<b>Ao nascer</b>	<b>60 anos</b>	<b>70 anos</b>
1980 – 1985	Masculino	61,0	17,7	11,4
	Feminino	66,0	18,9	12,2
1995 – 2000	Masculino	64,7	18,2	11,7
	Feminino	70,4	20,3	13,2
2020 – 2025	Masculino	69,0	18,7	12,1
	Feminino	75,3	21,8	14,3

Fonte: IBGE/Celade, 1984 apud Agustini (2003, p.49).

Agustini (2003) argumenta que essa diferença de expectativa de vida entre homens e mulheres, ocorre em função das diferentes taxas de mortalidade masculina e feminina, em todas as idades. Para o autor, este fenômeno ocorre porque as mulheres são mais conscientes, conhecem melhor as doenças e utilizam mais constantemente os serviços de

saúde do que os homens. O mesmo conclui, ainda, que estes cuidados preventivos de saúde, aliado às melhoras do atendimento médico-obstétrico (que diminui a mortalidade materna), contribuem para que a mortalidade feminina seja menor do que a masculina.

#### **1.4 A inserção do idoso no âmbito da Política Social do Brasil**

No Brasil, a preocupação com os idosos surge na década de 1970, época em que se agrava a questão da pobreza e das desigualdades sociais no país. Conforme afirmação de Debert (1996, p.35):

A velhice vem sendo progressivamente socializada, deixando de ser considerada como uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, para transformar-se em uma questão pública.

A propósito, em virtude do aumento do número de idosos no país, identificou-se a necessidade de se criar programas voltados ao atendimento a esse segmento populacional. O Serviço Social do Comércio – SESC de São Paulo, em 1963, foi a instituição pioneira a desenvolver trabalhos com idosos no Brasil, cujo público alvo eram as classes médias e altas. Nessa época criou-se também, a primeira Universidade da Terceira Idade no país, a Universidade Católica da PUCCAMP, atendendo o mesmo público do SESC (Anais 1996, p.40).

O primeiro programa idealizado no âmbito governamental, denominava-se Programa de Atendimento ao Idoso – PAI, o qual foi implementado na década de 1960, pelo Instituto Nacional de Previdência Social - INPS, como resultado de várias mobilizações de diversos segmentos da população em prol da conscientização popular, reivindicando melhorias no atendimento ao idoso. Posteriormente, em 1979, este programa é assumido pela Legião Brasileira de Assistência – LBA, que passa a ser o órgão oficial

encarregado de todas as políticas sociais no Brasil e que o intitula de Programa de Atendimento a Pessoa Idosa – PAPI.

[Cabe ressaltar, que é a partir da Constituição Federal de 1988, que o Estado reconhece o idoso como cidadão, sujeito de direitos.]

#### **1.4.1 Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**

Na década de 1980 ocorreram grandes transformações na sociedade brasileira, em função do fim da ditadura militar em 1984 e o processo de transição para o sistema democrático. Este período histórico evidenciou grandes mobilizações populares e diversas manifestações da sociedade civil, bem como a efervescência dos movimentos sociais, de associações diversas e sindicatos dos trabalhadores, culminando com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, em 05 de outubro de 1988.

Conhecida como a “Constituição Cidadã”, a sua promulgação representou um marco na história da justiça social e da evolução política do reconhecimento dos direitos humanos e sociais no país, especialmente no que se refere ao idoso, pois pela primeira vez, este indivíduo espoliado e mudo aparece no texto legal como cidadão e sujeito de direitos.

Em seu artigo 230 (p.130) dispõe que:

A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhe o direito à vida.

Agustini (2003, p.114) ao interpretar o referido artigo, questiona: “se todos os idosos são beneficiários dos direitos previstos no artigo 230 ou apenas aqueles necessitados e que precisam de amparo<sup>2</sup>”, em razão de sua significação.

Analisando o referido artigo, Martinez (1997, p.41) o considera declaratório, fazendo referência ao dever e não à obrigação: “postando-se o ônus na moral e não no Direito, de três entidades (família, sociedade e Estado) amparem os idosos”.

Quanto à participação das pessoas idosas na comunidade, objetiva evitar o isolamento social, propiciando contatos freqüentes com amigos, grupos através de bailes, jogos recreativos, esportes e eventos culturais. Neste sentido, segundo Martinez (1997, p.42), o Estado pouco pode fazer diretamente para assegurar essa participação “salvo através de estímulos e incentivos legais, como a inexistência de limite de idade máxima para concursos”.

No que se refere ao bem-estar, ainda de acordo com Martinez (1997, p.42):

É um conjunto complexo de medidas no âmbito das relações pessoais, que se iniciam no ambiente doméstico e exercitam-se no convívio social, dependentes de benefícios pecuniários que assegurem certa independência.

Quanto ao direito à vida, o autor afirma que sua garantia deve iniciar no âmbito familiar, com os cuidados domésticos adequados à idade, em relação à mobilização e à saúde de modo geral. O autor conclui ainda:

A sociedade assegura a vida respeitando-a com projetos arquitetônicos, meios urbanos de locomoção, facilidades de acesso (comuns aos deficientes). O Estado enfrenta a principal tarefa, através da norma pública, propiciando o direito de ir e vir, opondo-se à eutanásia e a outros meios. (MARTINEZ, 1997, p. 42).

---

<sup>2</sup> Amparar – v.t.d.l. Dar, ou servir de amparo a; escorar. 2. Proteger, favorecer. 3. Dar meios de vida a; sustentar. 4. Sustentar para impedir de cair; estear, escorar. 5. Resguardar, defender. 6. Agarrar-se a alguma coisa para não cair; escorar-se, apoiar-se. 7. Abrigar-se, refugiar-se; defender-se, resguardar-se, segundo Ferreira (1999, p.126).

[Referindo-se ao artigo 6, capítulo II, referente aos direitos sociais, Agustini (2003, p.103) adverte que a Constituição Federal de 1988 assegura a proteção à maternidade e a infância, porém não relaciona a velhice e nem a proteção à velhice como um direito social. Segundo o autor, houve discriminação em relação à proteção à velhice, “pois o dispositivo tratou diferentemente dois momentos da vida que, em tese, necessitariam de proteção”.]

Não resta dúvida, pois, de que a Constituição de 1988 representa uma inovação ao incluir a Assistência Social no tripé da Seguridade Social, ao lado da Saúde e da Previdência Social (artigo 194), possibilitando a construção de uma nova cultura social em relação à universalização e garantia dos direitos sociais que pressupõe cidadania, quando em seu artigo 203 (p.120) preconiza que: “a Assistência Social será prestada a quem dela necessitar”. A propósito, a cidadania apresenta-se como a realização concreta dos direitos civis, sociais e políticos de maneira universal garantidos efetivamente pelo Estado, através de políticas econômicas e sociais, que viabilizam a redistribuição, a igualdade de oportunidades e o acesso a bens e serviços da sociedade.

O conceito de Cidadania segundo Faleiros (1986, p. 20)) “é o reconhecimento da soberania da nação sobre o Estado, e do povo sobre o Governo, da sociedade sobre as Instituições”. Para Covre (1991, p.8) “cidadania é o próprio direito a vida no sentido pleno”. Direito este que deve ser construído coletivamente, não apenas quanto ao acesso às necessidades básicas, mas sim “a todos os níveis de existência, incluindo a mais abrangente, o papel do(s) homem(s) no Universo”. A autora apreende o significado de cidadania num processo dialético em “incessante percurso” na sociedade.

[Para Stein (1997), dentre os princípios enumerados pela Constituição de 1988, tem-se a descentralização político-administrativa para os três níveis da esfera governamental federal, estadual e municipal, instituindo a criação dos Conselhos de

Políticas e de Direitos, demarcando uma nova ordem na sociedade brasileira, possibilitando a ampliação da democracia e da participação popular, visando a reconstrução democrática coletiva e o fortalecimento do poder local. ]

Os Conselhos de Direitos surgem, portanto, como espaço institucional da participação e representatividade popular, o qual teoricamente, têm influência e capacidade decisória sobre as políticas sociais. Constituem-se, sobretudo, como novas possibilidades de atuação dos Assistentes Sociais, que necessariamente devem se empenhar para viabilizar os direitos sociais através de políticas sociais. [Entretanto, segundo Oliveira (1985), a efetivação desses Conselhos possui limites e dificuldades, devido principalmente ao desmantelamento das esferas públicas de mediação democráticas, levadas a cabo pelo projeto hegemônico, revertendo-se numa total desesperança.]

#### **1.4.2 A Previdência Social como instrumento de cidadania**

Vale ressaltar que a Previdência Social caracteriza-se por ser a mais expressiva política social pública distributiva de renda no Brasil. Com a Constituição Federal de 1988, a Previdência Social é reconhecida como um direito social, sendo então reformulada e organizada, pautada nos princípios constitucionais estabelecidos para o sistema de seguridade social, dentre os quais destacam-se: universalidade da cobertura e do atendimento; uniformidade e equivalência dos benefícios e dos serviços às populações urbanas e rurais; equidade na forma de participação e custeio, dentre outros. Segundo Silva (2001, p. 11), “tal formulação, assegurou-lhe o caráter de maior instrumento da justiça distributiva e da social”. A autora conclui que “a Previdência Social apesar dos

entraves burocráticos, políticos e culturais a seu acesso pela população, ainda é, no Brasil, o mais consistente de cidadania” (*ibid*, p.12).

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, de 1998, divulgados pela revista da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Previdência Social – ANFIP *apud* SILVA (2001, p.12), apontam que:

O rendimento dos idosos corresponde a 66,9% da renda familiar. Nas famílias em que são chefes, os idosos são responsáveis por 75,2% da renda total – percentual que é ainda mais elevado nas áreas rurais, onde os idosos chefes de família respondem por 81,7% da renda total da família. A pesquisa mostrou, ainda, que a renda dos idosos provém, predominantemente, de aposentadorias e pensões: na área urbana, em média, 60,3% da dos homens e 79,3% da das mulheres; na área rural, 87,4% da renda das mulheres idosas vêm da Previdência Social.

Em outra pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, (1998, p.12), os dados revelam que “graças às aposentadorias rurais, milhares de famílias saíram da linha da indigência e, em 2000, 71% da renda familiar no Nordeste e 41% da renda das famílias do Sul provêm desses benefícios”.

Em 2000, mais de 19 milhões de brasileiros compunham suas rendas mensais, através dos benefícios administrados pela Previdência Social, dentre os quais 73% destes, cujos valores dos benefícios variam entre 1 e 2 salários mínimos e meio (pensões, aposentadorias, auxílios e benefícios assistenciais), sendo a principal ou única fonte de renda. Esses dados evidenciam a relevância da Previdência Social como um instrumento de promoção da cidadania pela capacidade distributiva de renda.

Essas alterações preconizadas na Constituição Federal de 1988 ampliaram o acesso aos benefícios do Regime Geral de Previdência Social – RGPS, incluindo o produtor, parceiro, meeiro, arrendatário rural e pescador artesanal e seus respectivos cônjuges, os quais exerçam suas atividades em regime de economia familiar, possibilitando, por conseguinte, a ampliação do caráter distributivo de renda da Previdência Social e a



efetivação do princípio da equidade, onde os diferentes devem ser tratados como diferentes, mas com direitos iguais aos demais.

Entretanto, cabe salientar, que a capacidade da Previdência Social em ser um instrumento de cidadania no Brasil, ainda está muito aquém de seu potencial, visto que, segundo dados oficiais do Ministério da Previdência e Assistência Social, em 2000, o país possuía 38,7 milhões de trabalhadores que não contribuíam para a Previdência Social, não contando, portanto, com nenhuma possibilidade de cobertura dessa política em situações futuras, configurando-se, desta forma, como uma possível futura situação de aprofundamento da miséria social no país.

### **1.4.3 Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS**

Posteriormente, a Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, Lei nº 8742, de 07 de dezembro de 1993, é criada para assegurar a efetivação da Assistência Social, e tem por objetivo proteger a família, a maternidade, a infância, a adolescência e a velhice, dentre outros (artigo 2º). Tem como um dos princípios (artigo 4º), o respeito e a dignidade do cidadão, trazendo consigo inúmeros avanços para o campo da Assistência Social, embora ainda possua limitações em sua efetivação, quanto a abrangência seletiva e o critério da menor elegibilidade, dentre outras. A LOAS se apresenta como uma proposta de transformação no que se refere a organização e estruturação da Assistência Social, pois garante à sociedade o direito de participar, propor, formular e controlar as políticas sociais, oportunizando ao Estado e a Sociedade a novas relações sociais.

Segundo Iamamoto (2001, p.264):

A assistência social é reconhecida, pela primeira vez, como uma política pública, dever do Estado e direito de cidadania, partícipe da seguridade social, assentada no tripé da saúde, previdência e assistência, campo privilegiado da atuação do Serviço Social.

A LOAS expressou-se, no Brasil, como a ruptura conceitual com a visão caritativa e tuteladora da cidadania, de cunho paternalista, clientelista e de políticas meramente compensatórias que caracterizavam o chamado “assistencialismo”, e passou a definir os princípios e diretrizes para a área, substituindo a visão centrada na caridade e no favor. Até então, a assistência social estava associada às primeiras damas, transformando o usuário a condição de “assistido” e nunca de cidadão, sujeito de direitos.

#### **1.4.4 Benefício de Prestação Continuada – BPC**

O Benefício de Prestação Continuada – BPC consiste na garantia de um salário mínimo mensal aos idosos com 70 anos ou mais e aos portadores de deficiência (física ou mental), que comprovem não possuírem meios de prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por suas famílias, isto é, cuja renda per capita seja inferior a  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo.

A LOAS assegura e regulamenta o Benefício de Prestação Continuada – BPC (artigos 20 e 21), previsto na Constituição Federal (artigo 203, inciso v), cuja implementação deveria ocorrer no prazo de 18 meses para idosos e 12 meses para portadores de deficiência, sendo a redução da idade prevista para o idoso – 70 anos: 67 anos após 24 meses e 65 anos após 48 meses do início da concessão (artigos 37 e 38). Entretanto, a implementação do BPC ocorre somente a partir de 1996, sob a

responsabilidade do governo federal, por intermédio do Ministério da Previdência Social, vindo substituir a Renda Mensal Vitalícia – RMV<sup>3</sup>.

A saber, a Previdência Social adota o seguinte conceito de família para a concessão do BPC:

É o conjunto de pessoas que vivem na mesma casa, tais como cônjuge ou companheiro, pais, filhos, inclusive enteados, menores tutelados e irmãos não emancipados, menores de 21 anos ou inválidos de qualquer idade. (Tudo o que você quer saber sobre a Previdência Social, 2002, p.98).

Com base no exposto até o momento, percebe-se claramente a distorção do preconizado pela Constituição Federal de 1988. Primeiro quanto ao critério da idade para caracterizar a pessoa idosa, haja visto que a referida Constituição considerava 65 anos ou mais em seu artigo 230, parágrafo 2º (gratuidade do transporte coletivo urbano), e a Política Nacional do Idoso – Lei nº 8.842, passa a considerar a idade de 60 anos (artigo 2º). Além desta definição restritiva, a LOAS limitou ainda mais o benefício, quando definiu o que seria a incapacidade de manutenção pela família: renda mensal per capita inferior a ¼ do salário mínimo (artigo 20, parágrafo 3º).

Desse modo, o BPC distanciou-se do preconizado pela LOAS e principalmente pela Constituição Federal de 1988, uma vez que sua materialização foi orientada por perversa lógica quanto as alterações drásticas nos requisitos para acesso, a rigorosa e crescente seletividade, com caráter de menor elegibilidade, altamente restritivo e excludente em relação ao consignado pela referida Constituição.

Conforme afirma Pereira (1998, p. 128):

Foi um alto preço pago pela transformação da assistência em direito: o critério da elegibilidade nela contido inovou em matéria de retrocesso

---

<sup>3</sup> Renda Mensal Vitalícia, chamado amparo assistencial, criada pela Lei nº 6.179/1974, benefício do âmbito da Previdência Social, financiado com recursos federais, de caráter assistencial, que concedeu de 1975 a 1996, uma renda no valor de 50% do salário referência (em 1988 passa a um salário mínimo, conforme preconizado pela Constituição), às pessoas idosas (70 anos ou mais) e às inválidas para o trabalho, segundo Rollin (1998).

político. Nunca, no Brasil, uma linha de pobreza foi tão achatada, a ponto de ficarem acima dessa linha cidadãos em situação de pobreza crítica.

Cabe ressaltar, ainda, o longo período de tramitação do projeto desta Lei nº 8.742 até a sua aprovação, tendo sido vetado em 1990, pelo então Presidente da República Fernando Collor de Mello, e sancionada somente em 07 de dezembro de 1993 pelo Presidente Itamar Franco.

Posteriormente, em 1995, antes mesmo de sua implantação, o presidente em exercício Fernando Henrique Cardoso envia ao Congresso Nacional a Primeira Proposta de Emenda Constitucional de Reforma da Previdência Social, propondo a desvinculação do BPC ao salário mínimo, transformando-o em certo “auxílio”. Todavia, devido a pressão do movimento de resistência, especialmente com a intervenção do Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS, a Emenda não é aprovada pelo Congresso Nacional.

Segundo Gomes (2001), em 1997, um ano e meio após o início da concessão do benefício, o governo constata que os gastos para concedê-lo estavam além do previsto, isto é, o número de concessões teria ultrapassado a “meta”, apesar de tantas e cuidadosas restrições. Em 1996, foram gastos R\$177 milhões com o benefício, sendo que, com sua divulgação, houve um significativo incremento, de modo que em junho de 1995<sup>4</sup>, os gastos chegavam a mais de R\$600 milhões, que representavam 435 mil benefícios concedidos.

Em novembro de 1997, ocorre mais um ataque do governo Fernando Henrique Cardoso ao BPC, ao anunciar um conjunto de medidas para contornar as conseqüências da crise nas bolsas de valores – chamadas “medidas de ajuste fiscal” e alegando a

---

<sup>4</sup> Segundo Stein (1997, p.129), 1996 foi ano eleitoral, tendo havido manipulações eleitoreiras na concessão do benefício, especialmente na emissão de laudos e de atestados de renda, sendo que tais repercussões estouram em 1997.

necessidade de coibir fraudes na concessão do BPC, encobrindo a real causa<sup>5</sup>. O governo tenta suspender o pagamento do benefício objetivando novos ingressos, até que fosse realizada auditoria, e “congela” a idade da pessoa idosa em 70 anos, impedindo sua progressiva redução, conforme preconizava a LOAS.

Em virtude da reação de parlamentares, da repercussão da mídia e sobretudo do movimento social (II Conferência Nacional de Assistência Social - CNAS), o governo voltou parcialmente atrás, deixando de suspender o benefício, porém mantendo a restrição da redução da idade a 67 anos, impedindo sua redução para 65 anos a partir do ano 2000 (MP nº 1599-39, de 11/12/1997). Posteriormente, a Lei nº 9.720, de 30 de novembro de 1998, modifica a idade mínima para conceder o benefício que passa a ser de 67 anos, em vigor a partir de 1º de janeiro de 1999.

Percebe-se, portanto, que o trânsito da assistência social para a esfera pública desfaz-se de acordo com a aproximação da materialização do direito, isto é, do alcance de seus sujeitos. Segundo Gomes (2001), seu desmonte se dá através da interpretação distorcida, equivocada e reducionista da Constituição Federal de 1988 e da LOAS; pelas alterações nessas legislações por meio de medidas provisórias e outros atos administrativos arbitrários e unilaterais; pela sua desqualificação como direito; por sua privatização ou refilantropização; pelo esvaziamento de seu conteúdo público; por sua redução a um conjunto de ações focalizadas ou pela insuficiência do financiamento.

---

<sup>5</sup> Para conter os gastos e atender às prescrições do ajuste fiscal, ditado por organismos internacionais, a solução foi efetuar alguns arranjos, buscando critérios adicionais, a fim de excluírem-se beneficiários e restringirem-se ao máximo novos acessos, em vez de aumentar o corte da renda per capita, conforme havia prometido o então presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu pronunciamento no programa de rádio intitulado “Palavra do Presidente”, em 26/12/1996.

Assim sendo, a diretriz da focalização, orientada por credores internacionais, vai traduzindo a LOAS de maneira desfigurada, reduzindo seu alcance, sobretudo no que tange a um conjunto de garantias para prover necessidades sociais.

A este respeito, Gomes (2001, p.122) afirma que:

É possível termos avanços na constituição e organização do sistema de gestão e até admitir-se o funcionamento dos Conselhos e convivermos, ao mesmo tempo, com o outro lado atrofiado da política que, aliás, é a sua essência: o conjunto de provisões.

Neste sentido, o BPC constitui-se um direito restrito e arbitrário, guiado pelo critério de menor elegibilidade, o qual tem sofrido consideráveis e sucessivas restrições. Desse modo, segundo Gomes (2001), o BPC configura-se em direito de provisão mínima de sobrevivência, suprindo apenas às necessidades básicas de alimentação, cujo mérito alcançado é no máximo, ultrapassar a tênue linha da condição de indigência para a pobreza. Entretanto, esse benefício de um salário mínimo<sup>6</sup> para aqueles que o recebem é uma provisão garantida, certa, regular e muitas vezes responsável pela sobrevivência dessas pessoas. Para Gomes (2001), o conjunto de direitos assegurados pela Lei Orgânica de Assistência Social - LOAS, seria um ordenamento jurídico que mais contém potencialidades do que garantias, exceto quanto ao referido benefício. A autora afirma: “Os demais direitos seriam tão-somente declaratórios, sendo o BPC a única provisão certa e garantida, constituindo-se em um direito reclamável, ainda que por demais restrito” (*ibid*, p.14).

---

<sup>6</sup> Estudos de Sposati (2000) demonstram a insuficiência e a miserabilidade do salário mínimo brasileiro, o qual contempla apenas uma cesta básica, configurando a linha da indigência e reduzindo as necessidades humanas à alimentação. O mesmo é capaz de prover as necessidades de uma família com 4 membros, em média, referindo-se tão-somente às necessidades de alimentação com uma ração precária, insuficiente para sustentá-la durante um mês, configurando-se assim, o limite da sobrevivência.

### 1.4.5 Política Nacional do Idoso

Decisivamente, a mobilização da sociedade civil e órgãos governamentais fez com que o Ministério da Previdência e Assistência Social implementasse políticas que contemplassem os idosos. Em 04 de janeiro de 1994 é aprovada a Lei n.º 8842, a qual institui a Política Nacional do Idoso – PNI, promovendo sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Entretanto, a Lei nº 8.842 é regulamentada somente em 1996, demonstrando a morosidade e o não cumprimento da lei pelos órgãos competentes. Em seu artigo primeiro, percebe-se que a Política Nacional do Idoso estabelece a criação de condições para que as pessoas com mais de 60 anos possam viver na sociedade sem depender de ninguém, desfrutando de todos os seus direitos.)

O artigo terceiro da Lei nº 8.842 (p. 8-9) preconiza:

A Família, a Sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida.)

Durante o processo de desenvolvimento da humanidade, o ser humano tem na família seus primeiros contatos. É na família que o ser humano experimenta suas primeiras relações, adquire seus conhecimentos a respeito de si mesmo, da vida e de seus papéis e funções na sociedade a serem desempenhados ao longo de sua existência.

Resgata-se o conceito de família, segundo Miotto (2000, p.217):

Núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo, mais ou menos longo e se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos. É marcado por relações de gênero e, ou de gerações, e está dialeticamente articulada com a estrutura social na qual está inserida.

Com base nestas questões, entende-se que as ações desenvolvidas junto aos idosos devem priorizar o atendimento no âmbito familiar e comunitário, evitando sua institucionalização, no intuito de preservar vínculos de parentesco e afetivos e fortalecer o desenvolvimento social e pessoal com dignidade e qualidade.

Conforme preceitua a Lei nº 8.842, devem ser assegurados ao idoso seus direitos sociais, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, priorizando sua permanência junto à família e à comunidade. Nesse sentido, em 1996, a Secretaria da Assistência Social coordenou a implantação de cinco Fóruns Regionais Permanentes da Política Nacional do Idoso, com o objetivo de coordenar e definir as diretrizes e normas para a ação integrada entre os órgãos setoriais afins, priorizando o atendimento não asilar. Definiu-se, então, a efetivação de forma descentralizada, conforme as demandas locais, as seguintes ações: Centros de Convivência, Centros de Cuidados Diurnos, Casa Lar, Atendimento Domiciliar, Atendimento Asilar e Oficinas Abrigadas de Trabalho.

Segundo o Ministério da Previdência e Assistência Social (1996), o Plano de Ação Governamental Integrado para o Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso, representa um compromisso do Governo Federal no encaminhamento de soluções às questões sociais que cercam a população idosa brasileira. Entretanto, afirma que a efetivação das ações só seria concretizada pela parceria eficiente entre governos locais, instituições privadas e organizações da sociedade civil, além das organizações governamentais e não-governamentais, no sentido de oferecer a este público-alvo formas alternativas de atendimento, conforme as peculiaridades locais.

#### **1.4.6 Política Municipal do Idoso de Florianópolis**

Em 24 de setembro de 1998, é sancionada a Lei Municipal nº 5.371, a qual dispõe sobre a Política Municipal do Idoso em Florianópolis e cria o Conselho Municipal do



Idoso, com o objetivo de assegurar a efetivação dos direitos do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação na sociedade.】

【O Conselho Municipal do Idoso de Florianópolis está situado no prédio da Secretaria Municipal de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social – SHTDS, e recebeu inicialmente apoio significativo (estrutural e técnico) do Programa de Atenção à Terceira Idade, para viabilização da sua organização/estruturação.】 O Conselho tem representação paritária entre o Governo e a Sociedade Civil, é um órgão público, com caráter deliberativo, normativo, fiscalizador e consultivo (artigo 7º), configurando-se, portanto, numa forma de participação democrática, um mecanismo de controle social no âmbito das políticas sociais. Quanto a sua atuação efetiva nas suas primeiras gestões, segundo Kaiser (2003, p.90) “nestas duas gestões, deparou-se com algumas dificuldades/entraves, que serviram de impedimento para o bom desempenho de suas atribuições”, principalmente no que se refere à capacitação dos Conselheiros Membros.

【Cabe ressaltar, ainda, que na atual gestão, há a participação de idosos representantes dos grupos de convivência vinculados à Prefeitura Municipal de Florianópolis, junto à mesa diretora. Ressaltando que, desde que haja a capacitação sistemática dos Conselheiros Membros, a participação do idoso no Conselho é um avanço nesse processo democrático em construção, sendo ele próprio o agente e o destinatário das ações efetivadas, conforme preconiza a Política Nacional do Idoso (artigo 3º, inciso IV, Dos Princípios).】

### 1.4.7 Política Estadual do Idoso de Santa Catarina

No âmbito estadual, em 07 de junho de 2000, é sancionada a Lei nº 11.436 e dispõe sobre a Política Estadual do Idoso em Santa Catarina, visando assegurar a cidadania ao idoso, criando condições para a garantia de seus direitos, de sua autonomia, integração e a participação efetiva na família e na sociedade.

### 1.4.8 Estatuto do Idoso

Reafirmando o compromisso do Poder Público Federal para com os segmentos sociais antes esquecidos pelas políticas públicas e em consequência de mobilizações da sociedade civil, o Estatuto do Idoso, Lei Federal nº 10.741, sancionada pelo Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva, em 1º de outubro de 2003 (Dia Internacional do Idoso), entrou em vigor dia 1º de janeiro de 2004, após ter sido aprovado por unanimidade na Câmara Federal dos Deputados e Senado, depois de 07 anos de tramitação. Mais de 20 milhões de cidadãos brasileiros, acima de 60 anos de idade, são beneficiados pelo referido Estatuto, o qual em seus 118 artigos, assegura garantias legais a direitos que todo cidadão idoso deve usufruir e que o Estado tem a obrigação de prover.

Segundo afirmação do Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva *apud* SALVATTI (2004, p. 6):

O Estatuto do Idoso modifica o rosto e a alma do Brasil. Estabelece direitos que reafirmam que acima de tudo está a vida: sem humilhações, sem favores, sem dependência e sem abandono, com respeito e com muita dignidade.

Dentre as conquistas advindas com o Estatuto, destaca-se a redução da idade da pessoa idosa para obter o direito ao Benefício de Prestação Continuada - BPC, que passa a

ser de 65 anos, e que entrou em vigor em 1º de janeiro de 2004 (artigo 34). Além disso, o Estatuto amplia os direitos dos cidadãos com mais de 60 anos de idade, priorizando o seu atendimento no SUS – Sistema Único de Saúde, garantindo-lhe a distribuição gratuita dos medicamentos de uso contínuo, das próteses e órteses (artigo 15, parágrafo 2º), proíbe os reajustes abusivos dos planos de saúde (artigo 15, parágrafo 3º), além de instituir penas severas para quem desrespeitar, discriminar, coagir, negligenciar, abandonar ou cometer violência contra idosos (artigos 96 ao 108).

Em suma, percebe-se que atualmente, no Brasil, há políticas sociais que preconizam os direitos aos idosos, mas que no entanto, na prática, nem sempre estes são respeitados e efetivados, existindo apenas no campo virtual para grande parte desse segmento da população. É evidente que a legislação vigente nessa área é avançada, porém, o desafio é fazer com que essas normas legais e legítimas, se concretizem, tornando-se acessíveis a todos os cidadãos brasileiros.

O próximo capítulo apresentará a atual estrutura da PMF, bem como a Política Municipal de Atendimento ao idoso, viabilizada através do PROATI, por meio de vários projetos, especialmente o de “Dinamização e Apoio aos Grupos de Convivência para a Terceira Idade”.

## **2 A POLÍTICA MUNICIPAL DE ATENDIMENTO AO IDOSO EM FLORIANÓPOLIS.**

Este capítulo contempla, a princípio, a estrutura atual da Prefeitura Municipal de Florianópolis, apresenta o perfil do idoso do município, bem como a política municipal de atendimento à pessoa idosa, viabilizada através do PROATI. Em seguida, descreve de forma sucinta os projetos existentes, priorizando o de “Dinamização e Apoio aos Grupos de Convivência para a Terceira Idade”, e finaliza com a intervenção do assistente social nestes grupos.

### **2.1 Prefeitura Municipal de Florianópolis**

A Prefeitura Municipal de Florianópolis é uma organização pública, com administração direta e caráter governamental, responsável pelo desenvolvimento do município e pelo bem estar de seus munícipes. Segundo a Prefeitura Municipal de Florianópolis (2004), sua missão permanente é “promover o bem-estar da gente Florianopolitana”. De acordo com o Colegiado dessa Prefeitura, a missão da atual gestão, é “promover ações solidárias com a Sociedade nos campos da Saúde e desenvolvimento Sócio-econômico, Educação, Cultura, Lazer, Transporte e Infra-estrutura Urbana, visando o desenvolvimento sustentado em prol da Qualidade de Vida e Cidadania das Pessoas” e a sua visão é “ser o Município mais Saudável do Brasil. Promover a Satisfação das Pessoas, através de ações e parcerias que garantam a vida com Qualidade. Integrar, Respeitar o Servidor Público como agente de Transformação Social”. Está localizada em zona urbana, tem como público alvo a população do município e atualmente é administrada pela

Prefeita Angela Regina Heinzen Amin Helou, sendo que possui aproximadamente 7.234 funcionários, distribuídos em toda sua estrutura organizacional.

A estrutura organizacional da Prefeitura é composta pelo Gabinete da Prefeita; Gabinete do Planejamento; Procuradoria Geral do Município; Secretaria Municipal da Saúde; Secretaria Municipal da Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social; Secretaria Municipal de Finanças; Secretaria Municipal da Administração; Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Esportes; Secretaria Municipal da Educação; Secretaria Municipal de Urbanismo e Serviços Públicos; Secretaria Regional do Continente e Núcleo de Transportes; Fundação Municipal do Meio Ambiente - FLORAM; Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes; Fundação Municipal de Esportes; Secretaria Municipal de Defesa do Cidadão; Instituto de Geração de Oportunidades – IGEOF; Companhia de Melhoramentos da Capital – COMCAP.

A Secretaria Municipal da Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social, localizada na Av. Mauro Ramos 1277, Centro, foi criada pela Lei nº 5831, sancionada dia 21 de março de 2001. Sua missão é: “promover o desenvolvimento sustentável das famílias florianopolitanas, otimizando e articulando os recursos institucionais e ampliando parcerias, visando a melhoria da qualidade de vida”, segundo o Relatório de Atividades 2003. Atualmente conta com 242 funcionários (efetivos, terceirizados e contratados) e 159 estagiários de vários cursos de 3º Grau, dentre os quais Serviço Social, Direito, Administração, Educação Física e Ciências Contábeis, sendo hoje administrada pelo Secretário Municipal senhor Juarez Alves Nunes.

Conforme as diretrizes da atual gestão, a missão dessa Secretaria e das respectivas Gerências, aponta os seguintes objetivos:

- Fortalecer as estruturas familiares que se encontram em situação de vulnerabilidade social;
- Proporcionar a garantia dos direitos estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) e LOAS, através de uma rede de serviços e ações articuladas entre sociedade civil e poder público;
- Atender crianças, adolescentes e suas famílias, desenvolvendo atividades sócio-educativas com ênfase ao caráter preventivo e de inclusão social;
- Propiciar abrigo às crianças e aos adolescentes em situação de risco;
- Proporcionar à população de baixa renda, benefícios, serviços básicos de assistência social, urbanização e habitação;
- Ampliar e melhorar a qualidade dos serviços de assistência, através da integração das ações e fortalecimento dos trabalhos em rede;
- Implementar e ampliar os trabalhos sociais em áreas de concentração de pobreza;
- Atender o idoso através de atividades sócio-educativas, garantindo sua permanência na família e comunidade.

De acordo com o seu organograma, essa Secretaria está dividida em três Gerências, as quais definem suas missões, além dos Programas, Projetos e Serviços de Assistência Social desenvolvidos:

- Gerência de Habitação

Missão: “Qualificar e integrar os espaços urbanos, priorizando as intervenções em assentamentos subnormais de interesse social, buscando a sustentabilidade econômica, ambiental e social”.

- Gerência Administrativo Financeira

Missão: “Participar integralmente das ações da SHTDS, viabilizando as condições administrativas, financeiras e humanas, respeitando as normas legais estabelecidas, para atingir os fins propostos pela Secretaria”.

- Gerência de Assistência Social

Missão: “Prestar serviços de assistência social à população, através de ações continuadas e integradas que promovam processos de inclusão social, visando à melhoria das condições de vida”.

A Gerência de Assistência Social é hoje administrada pelo senhor Humberto Floriano Mendes e tem três Divisões: Divisão de Atenção e Orientação a Família, Divisão de Atenção e Proteção Especial e Divisão de Atenção Sócio-Educativa, na qual está inserido o Programa de Atenção a Terceira Idade.

## **2.2 Perfil do idoso em Florianópolis**

Diante do exposto até então, é inegável o processo de envelhecimento da população brasileira, situação essa também evidenciada no Estado de Santa Catarina e em especial sua capital Florianópolis, apontada como uma das capitais com a melhor qualidade de vida do Brasil. A propósito, Florianópolis tem recebido considerável número de imigrantes de outros estados brasileiros (sobretudo de SP e RS), principalmente aposentados, visando desfrutar dessas condições favoráveis a uma melhor qualidade de vida, conforme tem sido divulgado constantemente pela mídia televisiva.

No âmbito estadual, segundo dados do IBGE (2000), Santa Catarina encontra-se com aproximadamente 406.159 idosos, tendo o sexto melhor rendimento mensal do país entre as pessoas com 60 anos ou mais, conforme a tabela abaixo:

**Tabela 4 - Rendimento médio mensal, por Estado**

<b>ESTADO</b>	<b>VALOR</b>
Distrito Federal	R\$1.796
Rio de Janeiro	R\$1.018
São Paulo	R\$893
Rio Grande do Sul	R\$703
Espírito Santo	R\$638
Santa Catarina	R\$631
Mato Grosso do Sul	R\$630
Paraná	R\$620
Minas Gerais	R\$590
Goiás	R\$579

Fonte: IBGE apud Jornal Diário Catarinense, 26/julho/2002, p.19

No âmbito municipal, a população de Florianópolis é estimada em 342.315 habitantes, com aproximadamente 28.816 idosos, correspondendo a 8,42% da população florianopolitana. Dentre estes, 17.622 idosos são chefes de domicílio (61%), dos quais 5.186 (29%) recebem até dois salários mínimos e 3.563 (12,36%) idosos são analfabetos.

Na capital existem aproximadamente 100 grupos de convivência, onde participam 3.700 idosos (12,8%), entre os quais 30 destes são vinculados a Prefeitura Municipal de Florianópolis, com aproximadamente 1.100 idosos, segundo Vieira (Cadastro de Grupos PROATI, 2001).

Atualmente, Florianópolis conta com três instituições de longa permanência (asilares) de caráter assistencial e não governamental: a Sociedade Espírita de



Recuperação, Trabalho e Educação – SERTE (60 idosos), localizada na Cachoeira do Bom Jesus (região norte), a Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna – SEOVE (26 idosos), no Campeche (região sul) e o Asilo Irmão Joaquim (52 idosos), localizado no Centro (região central), totalizando 138 idosos, os quais recebem até um salário mínimo.]

Segundo o IBGE (2000), o Rio de Janeiro é a capital brasileira com a maior proporção de idosos do Brasil; Florianópolis está em sétimo lugar, conforme a tabela abaixo: ]

**Tabela 5** - Proporção da população de idosos, por capital

CIDADE / CAPITAL	PERCENTUAL %
Rio de Janeiro	12,8%
Porto Alegre	11,8%
Recife	9,4%
São Paulo	9,3%
Belo Horizonte	9,1%
Vitória	8,9%
Florianópolis	8,4%
Curitiba	8,4%
João Pessoa	8,1%
Natal	7,9%

Fonte: IBGE apud Jornal Diário Catarinense, 27/julho/2002, p.19.

### 2.3 Programa de Atenção a Terceira Idade - PROATI

Diante do envelhecimento populacional evidenciado no âmbito mundial, nacional e municipal, a Prefeitura Municipal de Florianópolis iniciou sua atuação junto a população idosa em 1979, através da formação e organização de grupos de convivência. A política de atenção à pessoa idosa, adotada pela PMF, viabiliza-se através do apoio e da

representatividade junto ao Conselho Municipal do Idoso e da implementação de um programa que congrega diversas ações sócio-educativas, de atenção e de proteção a este segmento populacional. Atualmente existe no município aproximadamente 100 grupos de convivência, dentre os quais 30 são vinculados a essa Prefeitura, sendo atendidos através do Programa de Atenção a Terceira Idade - PROATI.

Cabe destacar, ainda, a articulação da equipe técnica deste Programa com outras instituições e entidades, tais como: Associação Nacional de Gerontologia – ANG/SC, Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI – Universidade Federal de Santa Catarina, Serviço Social do Comércio – SESC, Conselho Municipal do Idoso de Florianópolis – CMI e Conselho Estadual do Idoso de Santa Catarina – CEI, dentre outros, cuja parceria e ações conjuntas visam unir forças para viabilizar ações efetivas em prol de melhores indicadores para a qualidade de vida desse segmento populacional do município.

O Programa de Atenção a Terceira Idade – PROATI está inserido na Divisão de Atenção Sócio-Educativa e tem por missão “promover o desenvolvimento bio-psico-social do idoso, oportunizando ao mesmo a melhoria da qualidade de vida, sua valorização, ampliação do seu nível de consciência e conseqüente organização social” (Relatório de Atividades 2003). Seu objetivo é proporcionar à população idosa de Florianópolis, espaços de convívio, aprendizagem e lazer, contribuindo para a sua conscientização e a construção de sua cidadania, estimulando o idoso a participar de todas as etapas de sua vida como cidadão, visando a melhoria de sua qualidade de vida.

O PROATI gerencia ações voltadas as pessoas idosas do município e é coordenado pela assistente social Albertina Terezinha de Souza Vieira, sendo composto pela seguinte equipe técnica: duas assistentes sociais (uma a coordenadora), uma psicóloga, uma professora de educação física e pelos estagiários dos cursos de 3º grau:

serviço social (03), nutrição (01) e educação física (14), cujas ações são voltadas à população idosa de Florianópolis, através dos seguintes projetos:

**a) Dinamização e Apoio aos Grupos de Convivência para a Terceira Idade:**

Atualmente atende 30 grupos, perfazendo um total de aproximadamente 1.100 idosos, os quais reúnem-se semanalmente em salões paroquiais, clubes sociais, associações de moradores, conselhos comunitários, onde são desenvolvidas atividades ocupacionais (artesanato), sócio-educativas e físico-recreativas. Este projeto tem por objetivo desenvolver, também, treinamento e oficinas para coordenadores e voluntários que atuam junto aos grupos.

**b) Vivendo e Aprendendo / Alfabetização para a Terceira Idade:**

Consiste no projeto de alfabetização para a população idosa de Florianópolis, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, desenvolvido na própria comunidade, o qual oportuniza o ensino básico, possibilitando também um instrumento para a emancipação e expansão desses cidadãos. Atualmente, está sendo desenvolvido em quatro (04) comunidades: Alto Ribeirão, Jurerê, Barra da Lagoa e Rio Tavares, totalizando 67 idosos.

**c) Tarde Educativa:**

É um projeto desenvolvido desde 1998, no período de abril a novembro, com o intuito de oferecer, mensalmente, palestras e debates referentes a temáticas de interesse da população idosa do município. O mesmo é realizado geralmente no Plenarinho da

Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, com a participação média de aproximadamente 80 idosos por encontro.

**d) Mexa-se pela Saúde na Terceira Idade:**

O presente projeto consiste na prática de atividades físicas e recreativas aos idosos, nas comunidades e instituições de longa permanência do município e tem o objetivo de melhorar a qualidade de vida dessa população idosa, através das atividades físicas, desportivas, recreativas, de lazer e de dança.

Atualmente atende 1.766 idosos, distribuídos em 55 grupos, sendo 35 grupos de convivência (1.322 idosos), com atividades recreativas e de lazer quinzenais; 15 grupos de ginástica (347 idosos), com aulas de atividade física duas vezes por semana; 03 instituições de longa permanência de assistência social do Município (51 idosos), com atividades físicas, recreativas e de lazer, duas vezes por semana; 2 grupos de dança (46 idosos). Este projeto é viabilizado através de parceria entre a Secretaria Municipal de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social e a Fundação Municipal de Esportes.

**e) Organização e apoio às práticas culturais, educativas e de lazer para a 3ª idade:**

Projeto desenvolvido através de promoção de eventos sócio-educativos, culturais e de lazer. Trata-se de atividades fixas e outras eventuais, desenvolvidas em parceria com outras entidades, voltadas aos idosos do município, através de encontros, caminhadas, bailes, gincanas, teatro, festivais, concursos, viagens, jogos de integração.

#### **f) Disque Idoso**

Serviço implantado em janeiro de 2004, de abrangência municipal, o qual presta informações e orientações via telefônica (08006440011) sobre os direitos sociais do idoso, legislação, principalmente sobre o Estatuto do Idoso (medicamentos, transporte coletivo, dentre outros). Recebe denúncias de maus tratos, negligência e violência praticados contra os idosos. O mesmo busca oportunizar e facilitar ao idoso o acesso aos serviços assistenciais oferecidos, possibilitando maior resolutividade no encaminhamento aos recursos disponíveis, contribuindo na identificação da demanda através de subsídios para gestão e formulação de políticas públicas municipais na área do idoso.

#### **g) Projeto Renda Extra para Idosos**

Criado a partir da Lei Municipal nº 5330/98, consiste na concessão de pecúnia mensal de um (01) salário mínimo, para as pessoas com 60 anos ou mais, em situações especiais de saúde, isto é, portadoras de doenças incapacitadoras (física ou mental), e cuja renda familiar não ultrapasse três salários mínimos. Atualmente atende a 95 famílias, tendo aproximadamente 120 idosos na lista de espera, dentro dos critérios específicos exigidos<sup>7</sup>.

#### **h) CIATI – Centro de Convivência para o idoso**

Inaugurado dia 16 de setembro de 2004, viabilizado para atender 50 idosos. Instalado no parque municipal do Córrego Grande, objetiva atendimento diário através de

---

<sup>7</sup> Conforme dados fornecidos pela assistente social Irma Silva Rolim (em 01/10/04), coordenadora do Projeto Abordagem de Rua e responsável pela execução do Projeto Renda Extra para Idosos, na SHTDS / PMF.

múltiplas atividades, buscando prevenir o isolamento social e contribuir para a permanência do idoso no contexto familiar e comunitário.

#### **i) Central de Orientação ao Idoso**

Instalado no Terminal Urbano de Transporte Coletivo de Florianópolis (TICEN), presta informações sobre direitos e questões relacionadas ao transporte coletivo intermunicipal e interestadual.

### **2.4 Projeto: Dinamização e Apoio aos Grupos de Convivência para a Terceira Idade**

Concomitantemente ao fato do envelhecimento populacional, amplia-se a problemática das questões sociais relacionadas a população idosa, dada as constantes e rápidas transformações de ordem econômica, política, social e cultural. Além disso, as limitações pessoais inerentes ao processo de envelhecimento, aliado a outros fatores sociais, tais como: a restrição e até a inexistência, em alguns casos, de opções para que o idoso consiga expressar seus anseios, discutir suas opiniões e buscar respostas para as suas necessidades, a aposentadoria, a alteração na estrutura familiar, o isolamento social e a exclusão social, dentre outros, vem dificultando a vida social dessas pessoas e acrescidas do agravamento da debilidade física próprias do processo de envelhecimento.

Assim, ao resgatar o conceito de família segundo Miotto (1997, p.128) vista como “uma instituição social historicamente condicionada e dialeticamente articulada com a sociedade na qual está inserida...”, pressupõe pensar as famílias sempre numa perspectiva de mudança, descartando e superando modelos já cristalizados. Nesse sentido, segundo Carter e Macgoldrick (1995), deve-se considerar a atual “alteração da estrutura familiar”, pautada no entendimento de que a família não é estática; é um sistema movendo-se através

do tempo, sendo que desempenha vários papéis e funções, cujo principal valor são os relacionamentos, os quais são insubstituíveis.

Assim sendo, os **Grupos de Convivência** passam a representar para esses idosos um novo espaço de expressão, aprendizagem, troca de experiências, valorização pessoal, social e de desenvolvimento bio-psico-socio-cultural. Trata-se ,portanto, de um projeto de caráter preventivo, terapêutico e promocional, o qual cria oportunidades para que os idosos possam melhorar a sua vida social, exercitando a convivência grupal, cooperação, participação e conseqüente organização e cidadania, influenciando diretamente na sua qualidade de vida.

Convém reportar-se a Zimerman e Osório (1997), que consideram o grupo como o campo onde situações de vida concreta se representam ou se rerepresentam, um sistema articulado onde várias experiências se integram, favorecendo situações de troca, participação e comunicação. Segundo estes autores, os grupos de convivência são classificados como grupos operativos comunitários. Nas suas palavras “pessoas se reúnem em busca de algo comum, que tem a ver com seus desejos, suas necessidades, para exercerem e viverem melhor seu estado de cidadania, sua qualidade de vida” (ZIMERMAN e OSÓRIO,1997, p.103). Conseqüentemente “essas reuniões produzem uma “energia social” que é o somatório das participações individuais e que quando bem direcionada deixa esses grupos mais egoresilientes <sup>8</sup>”. (*ibid*, p.103).

Resgatando o conceito de grupos de convivência, segundo o ex-Ministério da Previdência e Assistência Social (1996, p.10):

---

<sup>8</sup> Segundo Zimerman e Osório (1997, p.102), “resiliência é uma força, uma perícia, uma habilidade que algumas pessoas possuem de se mostrarem corajosas, de poderem enfrentar “os desafios normais da vida” e mesmo outros que terminam por deixar o indivíduo com mais autoconfiança, mais auto-estima, porque construíram um “ego resiliente”.

Centro de convivência objetiva atender a pessoa idosa promovendo o fortalecimento de práticas associativas, produtivas e promocionais, de forma a favorecer a melhoria de sua convivência na família e na comunidade.

Assim sendo, este Projeto visa atender o idoso no âmbito bio-psico-socio-cultural, com o desenvolvimento de atividades manuais (artesanato), sócio-educativas e físico-recreativas. As principais ações são a orientação e acompanhamento aos grupos de convivência, assessoria no planejamento, organização e dinamização, encaminhamentos para recursos comunitários, acompanhamento psicológico individual, treinamento de coordenadores e voluntários que atuam nos referidos grupos.

Os grupos atendidos, na sua maioria, estão localizados na região insular de Florianópolis, perfazendo um total de aproximadamente 1.100 idosos, com baixa renda, sendo a grande maioria do sexo feminino e viúvas, os quais reúnem-se semanalmente em salões paroquiais, clubes sociais, associações de moradores, conselhos comunitários, onde são desenvolvidas atividades ocupacionais (artesanato), sócio-educativas e físico-recreativas.

Para vincular-se ao Programa e ser atendido pelo PROATI, os grupos de convivência devem obedecer preferencialmente os seguintes critérios:

- Ser composto, no mínimo, por 90% de pessoas com idade a partir de 60 anos;
- Ter, no mínimo, 15 participantes;
- Deve desenvolver suas atividades em instalações físicas adequadas, de caráter público ou comunitário;
- 90% dos participantes devem ser moradores da comunidade ou adjacências;
- Priorizar os grupos onde há maior número de participantes com baixa renda (01 a 4 salários mínimos);
- Atender às solicitações e orientações do PROATI, quando necessário;



- Atuar em consonância com os princípios/objetivos da Política Municipal do Idoso, bem como do trabalho desenvolvido pelo PROATI.

Para viabilizar as atividades de confecção de trabalhos manuais realizadas pelos grupos, os mesmos recebem os materiais necessários (tecidos, linhas, lãs, telas, etc) do PROATI, os quais são provenientes do recurso federal convênio Atenção a Pessoa Idosa - API – Conviver, via Fundo Nacional de Assistência Social / Fundo Municipal de Assistência Social, com a contrapartida do Estado e Município. Os grupos ainda recebem doações voluntárias da comunidade, dos próprios idosos participantes (pagamento de mensalidades), colaboração de grupos e/ou entidades comunitárias e parcerias com outras instituições.

Cumprido esclarecer que antes da regulamentação da LOAS – Lei nº 8.742, esse recurso federal era transferido para a ex-LBA, a qual repassava diretamente para os grupos de convivência. Com o processo de descentralização, estabelecido pela LOAS, o governo federal passa a transferência dos recursos via FNAS/FMAS para os municípios, os quais definem a sua distribuição, de acordo com as peculiaridades e demandas locais.

Vale salientar que o referido recurso API-Conviver juntamente com o API-Asilar, destinam-se a grupos de convivência para a terceira idade e também para as instituições asilares, cujas metas<sup>9</sup> destinadas para o município são determinadas no âmbito federal, de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH de cada município. Atualmente, Florianópolis recebe o recurso referente a 1.360 metas mensais (conviver e instituições asilares), cujos valores, por idoso atendido, são os seguintes:

---

<sup>9</sup> As metas referem-se ao número de idosos atendidos. Em 2001, sob o governo de FHC, houve corte nas metas destinadas a Florianópolis, em virtude do aumento do IDH do município, comprovando o caráter pontual e descontínuo adotado pela referida administração. Segundo a assistente social Helena M. Borges Brandão. Setor de Convênios – SHTDS/PMF (04/10/04).

- Conviver – grupos ...: R\$4,05
- Instituições asilares<sup>10</sup>: idoso dependente: R\$60,85  
idoso independente: R\$41,91

O financiamento dessa política de atendimento a pessoa idosa deve ser realizado pelas três esferas: Federal com a contrapartida do Estado e do Município, conforme preconiza a Constituição Federal de 1988 (artigo 195) e a LOAS (artigos 28 e 29).

## **2.5 A intervenção do assistente social nos grupos de convivência**

O campo de atuação do serviço social é muito amplo no espaço governamental, pois se estende às políticas sociais nas áreas da assistência social, previdência, relações de trabalho, habilitação em programas de atendimento à infância, adolescência e ao idoso, executando programas e políticas públicas.

A intervenção prática do assistente social está alicerçada no projeto de atuação profissional do serviço social no Brasil, conforme regulamentação da profissão através da Lei nº 8.862/93, de 13 de março de 1993, culminando o Código de Ética do Assistente Social, o qual norteia a ação profissional estabelecendo a competência teórica-metodológica, técnica-operativa e ético-política. A missão é o compromisso com os usuários, fundamentada nos princípios da liberdade, democracia, cidadania, justiça social, equidade, respeito às diferenças e defesa da vida, cujo público alvo são os “excluídos” socialmente.

---

<sup>10</sup> Segundo a assistente social Jádina Ceconi (em 22/09/04), diretora do Lar dos Velinhos Irmão Erarto - SERTE, atualmente, o custo mensal de um idoso dependente institucionalizado, está em torno de R\$1.850,00, e para o idoso independente R\$1.200,00, considerando os medicamentos via SUS.

Entende-se por cidadania o conceito segundo Boaventura (1997, p.244) “Cidadania é produto de histórias sociais diferentes”. Portanto, falar em cidadania, deve-se levar em consideração o contexto social, que adquire características que se diferenciam conforme o tempo, o lugar e as condições sócio econômicas existentes. Compreende-se por exclusão social, o conceito defendido por Sposati (1999, p.67) : “Inclui a pobreza, discriminação, subalternidade não acessibilidade, a não representação pública como situações multiformes...”, indo além dos aspectos econômicos, embora estes sejam fundamentais.

A atuação específica do serviço social no Projeto “Dinamização e Apoio aos Grupos de Convivência para a Terceira Idade”, diz respeito ao acompanhamento sistemático a esses grupos, orientando e colaborando no planejamento, organização e na mediação de conflitos internos, discussão de temas pertinentes emergidos no grupo, além de incentivá-los a participar das atividades de lazer, sócio-educativas, encontros intergrupais e passeios, visando o seu aprimoramento sócio-cultural e o conhecimento de outras realidades culturais, econômicas e sociais.

O assistente social deve ter uma visão ampla, social, sistêmica da sociedade, dos cidadãos e suas organizações, transcendendo a visão dualista<sup>11</sup> e fragmentada/focalizada. É através da visão humanística, interativa e integradora que ele deve agir, favorecendo a resiliência dos grupos, promovendo estratégias para potencializar as atividades individuais e coletivas existentes nos grupos, objetivando sua autorealização, e conseqüentemente favorecendo a autonomia e o crescimento individual e coletivo.

Nesta perspectiva, o apoio familiar é de fundamental importância para o equilíbrio biopsicossocial do idoso, contribuindo para o envelhecimento sadio e a melhor qualidade de vida.

---

<sup>11</sup> Segundo Oliveira (1976) essa visão dualista é responsável em grande medida pela discriminação preconceituosa e pelo racismo tão presentes em nossas relações cotidianas.

Quanto à responsabilidade da família para com os idosos (preconizada em Leis), percebe-se que em muitos casos, algumas famílias não dispõem de estrutura física, psicológica e material para dar conta dessa responsabilização. Nesse sentido Carvalho (1994), resgata que é necessário retomar a família como unidade de atenção das políticas públicas, dirigindo um olhar especial para esta unidade que necessita de cuidados. Segundo Miotto (1977, p. 123) não se deve “trabalhar na perspectiva do usuário problema”, isto é, numa visão particularizada, individual, onde os profissionais “não conseguem perceber que é a família como um todo e não apenas um membro dela que necessita de atenção” (*ibid*, p.123). A autora conclui que deve-se “avançar de uma posição de tutela e controle para uma condição de parceria e cidadanização das famílias” (*ibid*, p.128). Desse modo, Neder (2000) aponta a necessidade de se ajustar melhor o foco das lentes dos profissionais, no sentido de “... evitar os paradigmas de família regular X família irregular, responsável, em larga medida, pelos preconceitos...” (*ibid*, p.28).

Outra estratégia de apoio para a sociedade vulnerabilizada, são os trabalhos de redes, que funcionam segundo Miotto (2002, p.51) “como uma alternativa de intervenção capaz de responder às novas demandas”, sendo portanto “uma possibilidade de romper com as formas cristalizadas de atendimento dos serviços, desafio que se defrontam com demandas cada vez mais complexas”. (*ibid*, p. 51). De acordo com Bianco *apud* MIOTO (2002, p. 53) “...essas redes primárias são vistas como possibilidade de substituição do sistema e direitos sociais”. Entretanto, para Minuchin (1992, p. 55) “a sociedade não desenvolveu fontes extrafamiliares adequadas de socialização e apoio”.

Dentre as atividades desenvolvidas no PROATI, destaca-se, a realização de reuniões sistemáticas com a sua equipe profissional interdisciplinar, como um instrumento coletivo de reflexão, planejamento e organização das ações a serem executadas, a partir da discussão e da participação democrática de todos os profissionais envolvidos.

Nesse sentido, segundo afirmação de Neto (1994, p.19):

Reunião é um método de ação social e administrativa que integra pessoas em torno de um objetivo, idéia, mensagem, processo ou plano para buscar soluções, encaminhamentos ou conhecimentos compartilhados e válidos.

Essas reuniões são de fundamental importância para o bom desempenho profissional da equipe, principalmente para os estagiários, configurando-se como momentos preciosos e enriquecedores para a formação profissional dos mesmos.

Finalizada a fundamentação teórica deste estudo, descreve-se na seqüência, a metodologia da pesquisa, contemplando os procedimentos metodológicos adotados, a natureza e caracterização da pesquisa, seus sujeitos e os limites encontrados em sua construção.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente capítulo contempla a metodologia adotada para desenvolver a pesquisa empírica. Inicialmente, descreve-se os procedimentos metodológicos, a natureza e a caracterização da pesquisa. Em seqüência, apresenta-se a população foco da pesquisa e, por fim, o relato das dificuldades e limites enfrentados no decorrer do presente trabalho.

#### 3.1 Procedimentos metodológicos

O sentido da palavra metodologia tem variado ao longo dos anos. Segundo Luna (2002), em alguns âmbitos profissionais, metodologia é associada à Estatística, todavia, para Demo (1991) *apud* MARINO (2003), na América Latina, metodologia se aproxima mais do que se poderia chamar de Filosofia ou Sociologia da Ciência. Entretanto, o mais importante atualmente, é o reconhecimento de que “a metodologia não tem status próprio, precisando ser definida em um contexto teórico-metodológico” (LUNA, 2002, p.14).

O reconhecimento do poder relativo da metodologia decorre da evolução do pensamento epistemológico, isto é, “a substituição da busca da verdade pela tentativa de aumentar o poder explicativo das teorias” (LUNA, 2002, p. 14).

Nesse contexto, atribui-se ao pesquisador, segundo Luna (2002, p. 14):

O papel do pesquisador passa a ser o de um intérprete da realidade pesquisada, segundo os instrumentos conferidos pela sua postura teórico-epistemológica. Não se espera, hoje, que ele estabeleça a veracidade das suas constatações. Espera-se, sim, que ele seja capaz de demonstrar – segundo critérios públicos e convincentes – que o conhecimento que ele produz é fidedigno e relevante teórica e/ou socialmente.

O método, em pesquisa, refere-se ao caminho que deve unificar um problema e a busca de suas possíveis respostas, o qual deve sempre ser coerente com o problema a ser investigado.

Segundo Luna (2002, p. 15), “pesquisa visa a produção de conhecimento novo, relevante teórica e socialmente e fidedigno”. O autor esclarece o significado do adjetivo “novo”, como “um conhecimento que preenche uma lacuna importante no conhecimento disponível em uma determinada área do conhecimento” (*ibid*, p. 15).

Faz-se necessário relatar que no contexto organizacional, a aprendizagem do profissional só é possível através de um processo contínuo de ação e reflexão.

Nesse sentido, reportando-se a Marino (2003, p. 13):

A reflexão ocupa um papel fundamental: provocar mudanças nas ações dos indivíduos. Este é especificamente papel da avaliação: construir momentos reflexivos que permitam aos indivíduos a análise de realidade e dos fatos, para daí direcionarem suas ações, aprendendo pela experiência. Desse processo decorre a tomada de decisões, criando-se então um ambiente de aprendizagem contínua.

Em se tratando de Instituição Pública, segundo Carvalho (1997) *apud* MARINO (2003, p. 2), “a avaliação é um dever ético. As organizações que atuam na esfera pública precisam apresentar à sociedade os resultados/produtos de sua ação”. Salientando que a publicização dos resultados de suas ações é um dever dessas instituições e um direito dos cidadãos usuários. Nesse sentido, vale ressaltar, que no sistema democrático, como é o caso do Brasil, “as organizações públicas tem o dever de manter uma relação de transparência sobre seus resultados, eficácia de seus projetos, custos realizados, seja com os usuários, financiadores, atores sociais e enfim, a sociedade em geral” (MARINO, 2003, p. 2).

A avaliação realizada na fase de execução de um projeto é denominada “avaliação de processo”. Segundo Marino (2003, p. 22), esta fase do projeto: “compreende, além do

monitoramento contínuo das atividades, a reflexão freqüente sobre a dinâmica interna e externa da equipe responsável, isto é, as relações entre os membros da equipe e sua interação com o público alvo”.

O processo de avaliação contém três características processuais, segundo Carvalho (1997) *apud* MARINO (2003, p.2):

É contínua e permanente, da concepção inicial aos resultados do projeto; envolve os atores envolvidos na apreciação dos resultados e implica em favorecer aos integrantes, seja usuários ou equipe gestora, o exercício da ação reflexiva.

Vale ressaltar, todavia, que o foco central dessa pesquisa é avaliar a eficácia do Projeto “Dinamização e Apoio aos Grupos de Convivência para a Terceira Idade”, identificando o resultado das ações desenvolvidas pelo PROATI junto a estes grupos.

Nesse sentido, reportando-se a Marino (2003, p. 4):

O critério de eficácia diz respeito a avaliação de processos, isto é, se o programa ou projeto está sendo implementado de forma adequada para atingir os objetivos propostos e o grau de alcance dos mesmos. Visa apreciar em que medida as ações e instrumentos utilizados são coerentes com as propostas e o que vem sendo alcançado em relação aos objetivos previstos, isto é, se é suficiente ou adequada a relação entre fins e meios de desenvolvimento do projeto, quanto do programado foi executado.

Assim sendo, a avaliação da eficácia do referido Projeto, será realizada a partir da concretude dos seus objetivos elencados abaixo:

### **Objetivo Geral**

Desencadear processos de participação e valorização pessoal e social para o idoso em seu contexto familiar e comunitário.



### **Objetivos Específicos**

- Contribuir na organização e dinamização de grupos de convivência;
- Promover atividades e espaços de socialização, expressão, reflexão e aprendizagem à pessoa idosa, possibilitando-a o exercício da cidadania;
- Instrumentalizar os grupos de convivência para sua auto-gestão e auto-determinação da pessoa idosa.

Convém mencionar ainda que o processo de avaliação deve basear-se em indicadores, que são elementos concretos que indicam a medida de alcance em relação aos resultados esperados. Segundo Marino (2003, p. 8) “na avaliação, o indicador é a unidade que permite medir o alcance de um objetivo ou de uma meta. Ele traduz, de maneira objetiva, os resultados da ação executada e está vinculado ao objetivo e a meta”.

Portanto, mediante o exposto até o momento, pode-se afirmar que a avaliação do referido Projeto, foi realizada através de análise quali-quantitativa, a partir das entrevistas e da observação e participação nas atividades diversas desenvolvidas junto aos referidos grupos, quais sejam:

- Reuniões dos Grupos de Convivência;
- Palestras – Tarde Educativa;
- Visitas domiciliares;
- Reuniões com Coordenadores e Voluntários;
- Reuniões sistemáticas com Equipe Técnica;
- Eventos comemorativos ao Mês do Idoso – Setembro/2004.

A partir dos indicadores levantados no planejamento inicial de estágio, realizou-se a análise interpretativa:

- Grau de participação dos idosos nas reuniões sistemáticas e nos eventos, bem como o número de idosos presentes (manifestação);

- Grau de resolutividade de conflitos internos nos grupos;
- Auto gestão dos grupos (grau de planejamento e organização das atividades);
- Processo de gestão democrática dos grupos (tomada de decisões);
- Número de encontros semanais dos grupos;
- Frequência nos encontros semanais dos grupos;
- Manifestação nos encontros semanais dos grupos;
- Tipo e número de atividades atrativas e não atrativas;
- Nível de participação: pela manifestação ou expressão, pela contribuição no grupo, engajamento com os objetivos do grupo (postura, comportamento, atitude).

### **3.2 Natureza e caracterização da pesquisa**

Para atender à proposta deste estudo, estabeleceu-se como premissa a abordagem de natureza qualiquantitativa, considerando que a mesma é a mais adequada para a obtenção das informações e do contexto que se pretende investigar, haja visto que será avaliado a dimensão efetiva do trabalho desenvolvido pelo PROATI com os grupos de convivência, a partir da visão dos sujeitos – usuários atendidos (idosos), o qual é apreendido de forma particular e individual, por ser subjetivo e peculiar a cada indivíduo.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa, segundo Minayo (1994, p. 22):

**Trabalho com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.**

Quanto a pesquisa quantitativa, segundo Gil (1999, p.31), serve de fundamento ao conhecimento produzido pela pesquisa qualitativa. Para o autor “quantidade e qualidade são características imanentes a todos os objetos e fenômenos e estão inter-relacionados”.

Durante o processo de construção deste trabalho, adotou-se o estudo exploratório e descritivo, o qual segundo Gil (1999), permite descobrir a existência de associações entre variáveis, entender a natureza das possíveis relações entre estas, cuja principal finalidade é esclarecer e modificar conceitos e idéias, proporcionando, então, uma visão ampla e geral sobre determinado fato.

Reforçando essa idéia, o autor argumenta:

As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas, partidos políticos, etc. (GIL, 1999, p. 44).

A fim de fundamentar teoricamente este trabalho e nortear os caminhos a serem percorridos, cabe destacar a relevância na utilização de dados secundários, isto é, a revisão bibliográfica realizada por meio de livros, jornais, textos e trabalhos acadêmicos, bem como redes eletrônicas, os quais constituíram o embasamento teórico necessário a temática pesquisada e possibilitaram traçar caminhos propícios ao estudo em questão. Segundo Neto (2000, p. 52) “essa dinâmica é fundamental para qualquer tipo de pesquisa [...] nos permite articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área de conhecimento.”

Finalmente, foram utilizadas as fontes primárias, isto é, os dados coletados pela primeira vez pelo pesquisador, os quais referem-se a pesquisa empírica propriamente dita. A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista e a observação participante.

Nesse sentido, segundo Neto (2000, p. 57):

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo [...] entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico.

Através desse procedimento, pôde-se obter dados objetivos e subjetivos, expressos nos valores, atitudes e opiniões dos sujeitos entrevistados e assim, conforme Neto (2000), pode-se encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual. Utilizou-se, pois, de entrevistas semi-estruturadas, que segundo Neto (2000) são fruto da articulação das duas outras modalidades: entrevistas abertas ou não estruturadas (o informante aborda livremente o tema proposto) e as estruturadas (perguntas previamente formuladas).

Outra técnica utilizada é a observação participante. Segundo Neto (2000), neste processo, o pesquisador pode modificar e ser modificado pelo contexto.

O autor afirma:

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (NETO, 2000, p. 59-60).

Cabe destacar a importância da utilização do diário de campo como um instrumento imprescindível na intervenção prática profissional e na pesquisa empírica, como recurso de registro dos fatos e situações vividas no cotidiano. Conforme afirmação de Neto (2000, p. 63), é “o amigo silencioso, é pessoal e intransferível [...] nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas”.

Por fim, na construção de um bom trabalho de pesquisa, o registro visual assume um papel complementar ao projeto como um todo. Segundo Neto (2000, p.63) “nada substitui o olhar atento de um pesquisador de campo ao evasivo próprio da realidade das relações sociais”.

### 3.3 População / sujeitos

O Projeto “Dinamização aos Grupos de Convivência para a Terceira Idade” atende atualmente aproximadamente 1.100 idosos (distribuídos em 30 grupos), no Município de Florianópolis, dentre os quais seis grupos com aproximadamente 200 idosos tem sido acompanhados pela pesquisadora, desde 2002.

Tendo em vista o expressivo número de idosos a serem pesquisados, torna-se inviável realizar uma pesquisa com todos os sujeitos envolvidos. Nesse sentido, segundo Gil (1999, p.99) “as pesquisas sociais abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade”.

Diante do exposto acima e face a necessidade de se estabelecer um delineamento, optou-se então, por trabalhar com dois grupos de idosos, os quais foram escolhidos por apresentarem perfis distintos, sendo um deles mais independente, participativo e com alternância de coordenação (comunidade Jurerê), enquanto que o outro, é menos independente, possui uma coordenação fixa (centralizada), onde não há a alternância de poder (comunidade Mocotó). Entretanto, tal proposta se justifica mediante a compreensão de que esta pesquisa se propõe entender a particularidade de dois grupos, sem, todavia, perder o entendimento de uma realidade maior. Para elucidar melhor essa opção metodológica, vale esclarecer que ao se debruçar sobre a realidade concreta dos sujeitos da pesquisa, não se pretende deixar de contribuir para o entendimento da realidade maior, quanto ao atendimento municipal destinado a esse segmento populacional.

Em suma, pretende-se com este estudo, escapar das visões abstratas, que generalizam conceitos e explicações sobre realidades distintas, bem como das concepções que pensam o homem como desdobramento inerte das estruturas sociais.

Os sujeitos dessa pesquisa são, portanto, um subconjunto do universo e constituem-se idosos integrantes de dois grupos de convivência específicos. O primeiro grupo intitulado “Grupo de Idosos Alegria de Viver”, da comunidade de Jururê, reúne-se as quartas-feiras na Associação de Moradores do Bairro, é composto por 31 participantes, tendo sido criado e vinculado à PMF em 1997.

O segundo grupo, coincidentemente com o mesmo nome do anterior, “Grupo de Idosos Alegria de Viver”, da comunidade do Mocotó, reúne-se as terças e quintas-feiras no Salão Paroquial da Igreja Matriz Santa Terezinha. O mesmo é composto por 16 integrantes, está vinculado a Prefeitura Municipal de Florianópolis desde 2002, tendo sido criado há cerca de 11 (onze) anos.

### **3.4 Limites**

Cabe esclarecer que, durante o processo de realização desta pesquisa, emergiram alguns limites à sua concretização, os quais serão elencados a seguir.

Um dos limites iniciais diz respeito a falta de referencial teórico, haja visto que o currículo atual do curso de Serviço Social não aborda a temática do idoso. Assim sendo, para fundamentar teoricamente este trabalho, foi necessário a realização de pesquisa bibliográfica através de livros, jornais, textos e trabalhos acadêmicos de outras áreas tais como: Direito, Psicologia, Sociologia e Educação Física.

Outro limite a ser destacado refere-se à inserção do assistente social nessa área. Apesar de já existirem várias experiências práticas, percebe-se a limitação de literaturas existente, quanto à atuação específica do assistente social nos grupos de convivência da terceira idade.

Cumprido destacar também, a não realização de entrevistas com todos os integrantes dos grupos, em virtude de alguns afastamentos temporários. No grupo de Jurerê, composto por 31 pessoas, realizou-se 19 entrevistas, considerando que 10 integrantes não participam dos encontros semanais, pois pagam as mensalidades e apenas viajam com o grupo e 02 integrantes estão afastados por problemas de saúde. Já o grupo do Mocotó, composto por 16 integrantes, 11 foram entrevistados, sendo que 05 estão afastados devido a problemas de saúde e familiares.

Finalmente, cabe assinalar outro limite relevante, especificamente na realização das entrevistas, em relação as limitações dos sujeitos entrevistados quanto a compreensão das perguntas/questões levantadas e a recordar eventos realizados há algum tempo.

Concluído esta etapa, o próximo capítulo apresenta a análise e a interpretação do resultado da pesquisa empírica realizada com os referidos grupos de idosos.

## **4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA EMPÍRICA**

Este capítulo destina-se fundamentalmente a apresentar e analisar os resultados obtidos na pesquisa empírica, realizada com dois grupos de convivência para a terceira idade, configurando-se, portanto, a realidade concreta específica desses dois grupos.

Assim sendo, num primeiro momento, será descrito o perfil dos dois grupos pesquisados, a partir dos dados pessoais coletados nas entrevistas com os idosos (sexo, idade, estado civil, escolaridade, estrutura familiar, entre outros).

Em seguida, serão apresentados os resultados a partir da interpretação dos dados obtidos na pesquisa empírica, norteados e elaborados com a respectiva fundamentação teórica.

### **4.1 Perfil dos Grupos pesquisados**

Após a realização das entrevistas com os integrantes dos referidos grupos, pôde-se obter o seu perfil sócio-demográfico.

#### **➤ Grupo de Idosos Alegria de Viver da Comunidade Jurerê**

O grupo de idosos Alegria de Viver da Comunidade Jurerê foi fundado e vinculado a PMF em 1997, a partir da iniciativa de senhoras da comunidade, recebendo através do PROATI visitas sistemáticas do assistente social, material para confecção de trabalhos manuais (artesanato) e aulas físico-recreativas quinzenais. Atualmente é composto por 31 idosos, sendo que destes 26 idosos são do sexo feminino e 05 do masculino. Os encontros ocorrem semanalmente todas as quartas-feiras, das 14:00 às 17:00 horas, na sede da



Associação de Moradores de Jurerê. Cabe salientar que os integrantes do sexo masculino não freqüentam os encontros semanais, participam apenas de atividades específicas de lazer, ou seja, viagens. A coordenação é exercida por uma diretoria eleita entre os participantes a cada dois anos, formada pelo Presidente, Vice-Presidente, Primeiro Tesoureiro, Segundo Tesoureiro, Secretário e Segundo Secretário, conforme preconiza o Estatuto e Regimento Interno, o qual dispõe sobre a regulamentação das normas internas do grupo, isto é, dia e horário de funcionamento; coordenação das reuniões; freqüência; escala de lanche e comemoração dos aniversariantes; mensalidade; prestação de contas; destinação dos recursos financeiros; critérios de participação; critérios para ingresso de voluntários; direitos e deveres dos voluntários; entre outros.

O grupo realiza atividades físico-recreativas, quinzenalmente, coordenadas por um estagiário de educação física do Projeto Mexa-se pela Saúde na Terceira Idade; desenvolvimento de trabalhos manuais como crochê, pintura, bordados, tapeçaria, etc; encontros intergrupais que visam o aprimoramento sócio-cultural dos idosos, troca de experiências e o conhecimento de outras realidades culturais, econômicas e sociais; passeios/viagens; bingos quinzenais no próprio grupo e dois bingos comunitários anuais; e ainda ensaiam coral com apresentações principalmente na igreja do bairro.

Ao final de cada encontro semanal, fazem orações e encerram com lanches coletivos, organizados com escalas, a fim de que haja um revezamento entre todos os participantes do grupo.

Em suma, por meio dos dados obtidos com os 19 entrevistados, pôde-se constatar o perfil destes sujeitos elencados, dentre os quais, 100% destes são mulheres com idade média de 68 anos, a maioria é casada e natural de Florianópolis, conforme a saber:

Tabela 6 - Características Sócio-demográficas – Grupo Jurerê

<b>Características Sócio-demográficas</b>	<b>Grupo Jurerê em N°</b>
<b><i>Escolaridade</i></b>	
Analfabetos	03
Até 4ª série	11
Ensino Médio	03
Especialização NETI	01
Superior- Pedagogia	01
<b><i>Estado Civil</i></b>	
Casada	12
Viúva	05
Solteira	01
Divorciada	01
<b><i>Aposentadoria</i></b>	
Não	10
Sim	09
Nº de filhos (Média)	03
<b><i>Habitação</i></b>	
Própria	18
Alugada	01
<b><i>Residência (Companhia)</i></b>	
Sozinho	03
Cônjuge	08
Cônjuge e filhos	04
Filhos	03
Netos	01
<b><i>Atividade remunerada</i></b>	
Não	18
Sim	01
<b><i>Profissão</i></b>	
Do lar	13
Servidor Público	05
Faxineira	01
<b><i>Naturalidade</i></b>	
Capital (Florianópolis)	11
Santa Catarina (Demais Cidades)	03
Paraná	01
Rio Grande do Sul	02

➤ **Grupo de Idosos Alegria de Viver da Comunidade Mocotó**

O grupo de idosos Alegria de Viver da Comunidade Mocotó foi fundado há cerca de 11 anos, recebendo recurso federal via Ação Social Arquidiocesana – ASA, a partir da iniciativa de senhoras da comunidade com o apoio e supervisão da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, através do Grupo de Estudos da Terceira Idade – GETI, o qual viabilizava estagiários de educação física e oficinas (professoras de trabalhos manuais). A partir de 2002, passou a ser acompanhado pelo PROATI, através de visitas sistemáticas da estagiária do curso de serviço social Maria Izabel da Silva e aulas físico-recreativas quinzenais.

Atualmente é composto por 16 idosas, sendo todas mulheres, que reúnem-se semanalmente, todas as segundas e quintas-feiras, das 14:00 às 17:00 horas, no salão paroquial da Igreja Matriz Santa Terezinha, na comunidade do Mocotó. A coordenação do grupo, desde sua criação, é exercida pela mesma idosa, a qual trata-se de uma irmã religiosa, sendo que o grupo não tem estatuto e regimento interno.

O grupo realiza atividades físico-recreativas, quinzenalmente, coordenadas por um estagiário de educação física do Projeto Mexa-se pela Saúde na Terceira Idade; desenvolvimento de trabalhos manuais como pintura, bordados, crochês; um ou dois bingos comunitários anuais, contando com o apoio da própria comunidade.

Ao final de cada encontro, fazem orações e encerram com lanches coletivos, organizados e adquiridos com recursos do próprio grupo, uma vez que seus integrantes não possuem condições financeiras para custeá-los.

Vale destacar que o grupo está situado em uma das áreas com maior concentração de famílias em situação de pobreza, precariedade de infra-estrutura urbana, agravamento de problemas sociais, como desemprego, tráfico de drogas, violência crescente com

assassinatos constantes e com áreas de risco (físico/social), configurando-se, portanto, como uma situação de extrema vulnerabilidade social. Assim sendo, este grupo possui algumas limitações tais como a dificuldade de fazer passeios, faltas constantes aos encontros semanais do grupo e a não participação (exceto a presidente) nas atividades desenvolvidas pelo PROATI, em virtude de muitas delas cuidarem dos netos para os filhos trabalharem, outras trabalham ou não tem condições financeiras de se locomover (muitas não tem idade suficiente para usufruir do transporte gratuito – 65 anos) até o local onde são realizadas as atividades e eventos para todos os grupos de idosos vinculados a Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Através dessas onze entrevistas realizadas, pôde-se constatar o perfil destes sujeitos, dos quais 100% são mulheres com idade média de 70,3 anos, a maioria é viúva e com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental, conforme a seguir:

**Tabela 7 - Características Sócio-demográficas – Grupo Mocotó**

<b>Características Sócio-demográficas</b>	<b>Grupo Mocotó em N°</b>
<b><i>Escolaridade</i></b>	
Analfabetos	03
Até 4ª série	06
Ensino Médio	02
<b><i>Estado Civil</i></b>	
Casada	02
Viúva	06
Solteira	02
Divorciada	01
<b><i>Aposentadoria</i></b>	
Não	09
Sim	02
Nº de filhos (Média)	4,2
<b><i>Habitação</i></b>	
Própria	10
Alugada	01
<b><i>Residência (Companhia)</i></b>	
Sozinho	02
Cônjuge e filhos	02
Filhos e netos	07
<b><i>Atividade remunerada</i></b>	
Não	10
Sim	01
<b><i>Profissão</i></b>	
Do lar	02
Religiosa	01
Servidor Público	01
Doméstica	04
Ambulante	01
Costureira	02
<b><i>Naturalidade</i></b>	
Capital (Florianópolis)	05
Santa Catarina (Demais Cidades)	05
Rio Grande do Sul	01

Fundamentando-se nessas considerações, é possível afirmar que trata-se de um grupo composto por idosas com distintos arranjos familiares, considerável taxa da natalidade e mortalidade, a grande maioria (09) não é aposentada, entretanto várias delas

apesar da idade avançada, exercem alguma atividade remunerada no âmbito “informal” (ambulante, costureira, faxineira, lavadeira), para custear as despesas domésticas.

#### **4.2 Interpretação de dados**

Neste inciso será apresentada a interpretação dos dados obtidos na pesquisa empírica, evidenciada através de algumas falas expressas durante as entrevistas, devidamente norteada e fundamentada teoricamente. Assim, o processo de avaliação do referido projeto, será realizado através de análise quali quantitativa, das entrevistas e da observação e participação nas diversas atividades desenvolvidas junto aos referidos grupos, a partir dos indicadores pressupostos no planejamento inicial deste trabalho.

Cumpramos ressaltar, todavia, que durante as entrevistas com as idosas, houve momentos de significativa emoção, com o afloramento de fortes sentimentos, ao inferirem às suas vidas privadas, as relações com a família, os sofrimentos, as angústias, enfim, várias outras lembranças, que as vezes até lhes traziam lágrimas aos olhos. Trata-se, contudo, de momentos fortes, bastantes significativos, tanto para as entrevistadas quanto para a pesquisadora, os quais foram pautados na confiança mútua, no respeito e sigilo, portanto, não serão revelados aqui, por uma questão ética e humana.

A entrevista inicia-se, inferindo sobre as causas que motivaram sua entrada no grupo. As falas revelam que ao ingressarem nos grupos, elas sentiam-se sozinhas. Portanto, buscavam fora de casa diversão, fazer amizades, socializar-se, enfim, preencher o vazio e a solidão que sentiam em suas casas, conforme verifica-se abaixo:

“Ficava sozinha em casa, entrei no grupo para me divertir, conversar, distrair...”

“Para sair de casa, conversar, divertir, eu achava que estava velha pra tudo, mas eu entrei no grupo e acabei sendo coordenadora, foi muito bom, eu nunca pensei que conseguiria, foi uma descoberta...”

“Pra distrair, sair de casa, eu tinha depressão antes de entrar no grupo”.

“Pra sair de casa, onde tinha problemas graves demais, aqui a gente esquece tudo”.

Na maioria das respostas, percebe-se que ao ingressarem nos grupos, as idosas buscavam dar um novo sentido a sua existência, vencer a solidão, a falta de amigos, o isolamento social e a exclusão social, que frequentemente enfrentam nesta fase de suas vidas, relacionado a múltiplas perdas, tais como: aposentadoria, saída dos filhos adultos para trabalhar ou constituir novas famílias, a morte dos entes queridos evidenciada pelo alto índice de viuvez.

Nesse sentido, reportando-se a Frankl (1997) *apud* ROLINN (1998, p. 69):

O vazio existencial se manifesta principalmente num estado de tédio. Fenômenos tão difundidos como depressão, agressão e vício não podem ser entendidos se não reconhecermos o vazio existencial subjacentes a eles. O mesmo é válido também para crises de aposentados e idosos.

Esses fatores acabam gerando sofrimento e a solidão, que é um sentimento inerente ao ser humano, é um estado da alma, que provoca dor, tristeza, isolamento e falta de perspectivas na vida. Vencer a solidão significa ir ao encontro do outro, relacionar-se, encontrar um novo objetivo para viver, algo que dê sentido a existência.

Desta forma, segundo Guimarães (2000, p. 177):

O grupo abre possibilidades de diminuir o isolamento psicológico e social que em geral imobiliza os indivíduos [...] E pode auxiliar essas pessoas na tarefa de encontrar mecanismos de enfrentamento das questões do cotidiano.

Assim sendo, percebe-se que a participação e as relações vivenciadas no grupo, favorecem o entrosamento, o fortalecimento de laços/vínculos entre seus integrantes, oportunizando encontros prazerosos, muitas vezes não vividos anteriormente, possibilitando, portanto, novas perspectivas futuras em suas vidas.

Reportando-se a Guimarães (2000, p.177):

A possibilidade de estar no grupo favorece, enfim, a reconstrução de histórias de vida, é o espaço de revivescência dos sentimentos e emoções que estavam

reprimidos e possibilita ressignificar acontecimentos e situações. [...] podem assim recontar sua história e recriar, por meio de projetos, uma nova, história.

O fortalecimento dos laços entre os integrantes é evidenciado quando questionados sobre o maior atrativo atual no grupo, uma vez que as falas abaixo comprovam este fato:

“A amizade, a conversa com as amigas, a distração, os passeios e os trabalhos manuais”.

“A diversão, a conversa com as amigas, a gente se diverte...”

“A convivência, a integração, a amizade entre nós...”

“O que mais gosto é das pessoas aqui, a convivência, a amizade é claro..”

No que se refere as atividades mais atrativas e relevantes, as respostas obtidas apresentam-se distintas nos dois grupos, conforme a realidade sócio-econômica e as atividades desenvolvidas em cada grupo.

No grupo de Jurerê, responderam:

“Gosto da ginástica, dos passeios, da alfabetização e dos bingos”

“Eu gosto dos trabalhos manuais, do coral, do passeio, de todas as atividades gerais com o grupo, porque motiva todos”.

“Eu gosto da ginástica, dos trabalhos manuais, do coral, porque são momentos que passamos fora de casa, de distração”.

Quanto ao grupo do Mocotó, cuja realidade sócio-econômica possui maiores limitações, a resposta foi unânime e objetiva em relação aos trabalhos manuais e a aula de recreação, tendo em vista que estas são as atividades cotidianas do grupo, conforme evidenciado na fala de sua respectiva coordenadora:

“Gosto da atividade física e dos trabalhos manuais, que é uma higiene mental, favorece a auto estima e traz felicidades ao ver os trabalhos prontos”.

Diante das respostas obtidas, cumpre destacar a relevância da confecção dos trabalhos manuais (artesanatos), os quais se configuram de fundamental importância para o idoso e o grupo, pois estimula a concentração, raciocínio, coordenação motora fina, memória, criatividade, agilidade nas mãos, desenvolvendo suas qualidades e aptidões naturais, como o espírito de iniciativa e de cooperação, favorecendo a aquisição de



conhecimentos, a troca de experiência e de novas técnicas, o aspecto cultural e repasse de técnicas entre elas, além de contribuir para a auto estima dos idosos, ao se reconhecerem nos trabalhos confeccionados. Posteriormente, os trabalhos são utilizados nos bingos, os quais além de se converterem em renda financeira para o grupo, patrocinando os passeios, viagens e festas aos seus integrantes, oportuniza também uma interação entre os idosos e sua respectiva comunidade, através da divulgação de seus trabalhos e do evento como forma de socialização.

No que tange as suas expectativas e anseios futuros quanto ao grupo, em ambos os grupos, por quase unanimidade tem-se o lazer, evidenciando a sua relevância na vida desses idosos, especialmente no grupo do Mocotó, o qual não realiza passeios há alguns anos. E, conforme relataram as integrantes:

“Aqui falta passeios do grupo, não tem há anos, e falta a participação de todos no patrocínio do lanche, porque o grupo não tem dinheiro, são muito pobres”..  
 “Eu queria fazer passeios, há muito tempo não passeamos, mais diversão, mas não temos dinheiro..”

Cumprido recordar, entretanto, que o lazer é um direito social garantido ao idoso segundo preconiza a Política Nacional do Idoso (artigo 10º) e o Estatuto do Idoso (artigo 20º). Vale destacar que o lazer (passeios, viagens, bailes, danças, jogos, etc) tem fundamental importância em todas as fases da vida, pois constitui-se uma necessidade humana para aliviar as tensões cotidianas, a qual favorece a saúde física, psicológica, mental e social, contribuindo assim para uma melhor qualidade de vida.

Nesse sentido, segundo Stolfo (1994) *apud* ROLINN (1998, p.71):

A comunicação gerada através do lazer não é somente um meio de integração social, mas também uma forma de se estabelecer um equilíbrio psíquico. Ele surge como uma forma de recuperar o tempo, representando um esforço para manter um equilíbrio e a vontade de viver, ajudando-nos a descobrir novas formas vivenciais, distraindo a mente, compartilhando interesses, educando a solidariedade como valor mais importante de enriquecimento do ser.

A respeito da auto gestão dos grupos, quanto ao grau de planejamento e a organização das atividades, bem como o processo de gestão democrática na tomada de decisões, percebe-se certa heterogeneidade, levando-se em consideração que cada grupo é uno, com características e realidades distintas. No grupo de Jurerê, a maioria revela que todos participam na tomada de decisões, possuem espaço de expressão de opiniões, onde a diretoria expõe temas e as opções existentes e o grupo democraticamente decide pela maioria presente.

Entretanto, quanto ao grupo do Mocotó, as falas revelam posições distintas, considerando que a maioria relatou que pode se expressar, mas que, a decisão final cabe à coordenadora. Ainda assim, há controvérsias, conforme abaixo:

“Sim, todos podem falar, mas sempre quem decide e dá a palavra final é a coordenadora”.

“A diretoria decide e passa para o grupo”.

“Decidem democraticamente, todos podem participar, mas a maioria se acomoda e não participa.”

No que se refere ao grau de resolutividade dos conflitos, verificou-se que no grupo de Jurerê a grande maioria afirma que a diretoria conversa com o grupo e os resolve através do diálogo e, quando necessário, de forma individual. Entretanto, quanto ao grupo do Mocotó, percebe-se certa centralidade de poder nas mãos da coordenadora, a qual na grande maioria dos casos, resolve pessoalmente as questões, conforme os relatos que seguem:

“Normalmente não há, quando ocorre conversam e a coordenadora resolve”.

“Conversa individualmente com a coordenadora.”

“A coordenadora toma a palavra e resolve sempre.”

Frente a essas relações de poder centralizado existente no grupo, cabe ao assistente social atuar como mediador nas situações de conflito, a fim de que não inviabilizem o processo de construção democrático no grupo. Todavia, deve-se respeitar a dinâmica

interna de cada grupo, considerando que essas relações estabelecidas são legitimadas pelos seus integrantes.

No que tange ao trabalho desenvolvido pelo PROATI junto aos grupos do município, verifica-se que no grupo do Mocotó, a maioria de seus integrantes vincula as atividades de: aulas de recreação, reuniões e visitas da assistente social à Prefeitura Municipal de Florianópolis. No entanto, neste mesmo grupo ninguém reconhece essas atividades sendo vinculadas ao PROATI. A respeito das atividades, afirmaram que todas são importantes para o grupo, entretanto sugeriram algumas melhorias, tais como: aulas de recreação semanal, passeios e o fornecimento de material para trabalhos manuais.

Quanto ao grupo de Jurerê, as atividades apontadas foram os trabalhos manuais, a ginástica, a alfabetização, os eventos de comemoração ao mês do idoso (setembro) e as visitas do assistente social no grupo. E, com relação as atividades, apenas a coordenadora e a secretária as vincularam ao PROATI. Também afirmaram que são relevantes para o grupo e como sugestão para melhoria apontaram: falta de material para trabalhos manuais, o que conseqüentemente faz com que o grupo não tenha recursos para passear. Outra reclamação é quanto ao local onde se reúnem, que para o grupo é inadequado, pequeno e sem ventilação.

No que tange ao trabalho do assistente social nestes grupos, percebe-se por unanimidade, que o mesmo é evidenciado como de grande relevância para ambos, inclusive sendo solicitado mais freqüentemente nos grupos, conforme abaixo:

“É muito importante, você vem e conversa, orienta, dá avisos, dá segurança ao grupo para resolver os seus problemas e os individuais”.

“Sim, é importante, porque favorece o crescimento pessoal e do grupo, quanto a informação, orientação e palestra”.

“Sim, você dá orientação ao grupo e atendimento individual, pra resolver os problemas das pessoas. Deveria estar mais presente no grupo, faz falta”.

“Sim, é muito importante, traz informação, coisas novas, convites, dá atenção e ouve as idosas.”

Finalmente, com o intuito de apreender o significado do grupo em suas vidas, questionou-se aos integrantes sobre o que mudou na vida (familiar/individual) após a inserção no grupo. As mudanças percebidas pelos integrantes de ambos os grupos podem ser visualizadas abaixo:

“Melhorou a saúde, não tenho mais ataques epléticos, antes eram constantes, estou mais alegre, com saúde e feliz”.

“Venci a ansiedade, parei de fumar. A vida ficou mais calma, agora aceito melhor a vida, a partir dos problemas vividos pelas amigas do grupo.”

“Melhorou os nervos, antes tinha depressão, entrar no grupo foi uma terapia. Depois que entrei no grupo, em casa estou mais calma, tranqüila e tolerante com os netos”.

“Melhorou muito, fiquei mais participativa, independente, feliz, passei a acreditar em mim mesma”.

“Melhorou muito, hoje saio de casa, distraio, viajo, conheço lugares e cidades, estou mais feliz”.

“Mudou pra melhor, hoje fico a semana toda esperando a quarta-feira... é a minha vida hoje”.

Cabe relatar, que a partir do convívio com os integrantes desses grupos, constata-se a importância e o significado do grupo em suas vidas, através do afloramento de várias demandas, como a busca de direitos sociais e cidadania, combate ao analfabetismo, promoção de atividades de lazer (bailes, bingos, viagens, encontros, gincanas, torneios, dentre outros), esclarecimentos sobre o papel do voluntário no grupo, sobre o processo de envelhecimento, e do processo político envolvendo o cidadão e principalmente sobre o Estatuto do Idoso. Tais questões emergiram durante os encontros com os grupos, possibilitando-lhes oportunidades de participar, de expressarem suas dúvidas e necessidades pessoais, capacitando-os a tomarem decisões, aprenderem, refletirem e exporem seus pensamentos, transformando assim suas vidas.

Assim sendo, diante do exposto até então, o resultado dessa pesquisa confirma a relevância e o significado especial dos grupos na vida desses idosos, evidenciado a partir das entrevistas, da observação e participação da pesquisadora nas atividades desenvolvidas junto aos referidos grupos. Todavia, para tanto, faz-se necessário a ampliação deste projeto

e criação de outros afins, possibilitando espaços de convivência saudáveis e de melhoria da qualidade de vida desses seres humanos, através da promoção do seu desenvolvimento bio-psico-social, da valorização pessoal, socialização, reflexão, aprendizado e consequentemente o exercício da cidadania.

Outro fato de fundamental relevância a ser destacado refere-se aos recursos financeiros necessários a execução do projeto, os quais conforme constatado na pesquisa, apresentam-se insuficientes. Neste sentido, cabe ao assistente social instrumentalizar os idosos para que os mesmos se insiram nas instâncias representativas, que sejam eles próprios os principais agentes e os destinatários das ações efetivadas, conforme preconiza a PNI (artigo 3º, inciso IV, Dos Princípios): “O idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através desta política”.

Diante deste contexto adverso e limitado, cabe ressaltar as ações desenvolvidas pelo PROATI, o qual apesar de todas as limitações enfrentadas, apresenta uma ação efetiva, cujo mérito atribui-se à equipe técnica, sobretudo à coordenadora, pelo profissionalismo, competência, dedicação e comprometimento com a sua missão.

Finalmente, ao término do presente trabalho, embasado no referencial teórico apresentado e nos dados obtidos a partir da pesquisa empírica, o próximo capítulo contempla as considerações finais e sugestões, visando contribuir com subsídios para a melhoria do trabalho desenvolvido à pessoa idosa, cuja meta final seja o caminho que conduza a postura do ser humano à supremacia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso, inicialmente, relatar que este estudo não teve a pretensão de delinear conclusões definitivas alusivas a temática abordada, por se tratar de um processo ainda em construção, desenvolvido dialeticamente em constantes transformações. Neste prisma, o objetivo consistia em avaliar a eficácia do Projeto “Dinamização e Apoio aos Grupos de Convivência para a Terceira Idade”, especificamente a partir dos dois (02) grupos de convivência, localizados nas comunidades de Jurerê e Mocotó.

Cumprido afirmar, então, que o objetivo pressuposto foi alcançado com êxito, uma vez que através da pesquisa empírica evidenciou-se os resultados obtidos a partir das ações desenvolvidas pelo referido Projeto, cujos avanços inegáveis, recuos e limitações próprias da sua execução, revelam a relevância do grupo de convivência na vida desses idosos, quanto ao processo de socialização e prevenção ao isolamento social. A convivência social no grupo configura-se como fundamental e central em suas vidas, haja visto que alguns integrantes afirmaram que é a “sua própria vida”.

Todavia, faz-se necessário, conforme já referido, a implementação deste Projeto, bem como a implantação de outras alternativas de atendimento, que atendam a este segmento populacional e que respondam a suas reais necessidades e expectativas.

Nesta perspectiva, comunga-se da idéia da criação de um fundo específico para a área do idoso, nas várias instâncias, pois os recursos destinados e somente para a área da assistência social (via FNAS/FMAS) são insuficientes, dado a demanda existente.

Cabe destacar, que partindo do pressuposto que a atuação profissional do assistente social deve ser interventiva e propositiva, a seguir serão elencadas algumas considerações emergidas a partir da experiência prática vivenciada, bem como sugestões pertinentes a área da gerontologia.

Dado o exposto, percebe-se que o assistente social, na visão sócio-educativa contribui na intervenção das relações sociais estabelecidas e na formação da consciência crítica-reflexiva, tornando os idosos sujeitos mais conscientes e ativos, em que eles próprios sejam multiplicadores das questões afetas ao processo de envelhecimento, e que busquem o acesso aos seus direitos constitucionais, bem como a participação social no processo de construção e exercício da cidadania<sup>12</sup>. Entretanto, vale ressaltar a importância de se considerar às necessidades e expectativas dos referidos grupos, os quais devem ser respeitados, evitando a imposição de ações que o assistente social julgar mais adequadas ou relevantes para o crescimento do grupo.

Sendo assim, suas ações devem ultrapassar a prática burocratizada e mecanicista, a fim de assumir um maior comprometimento com a profissão e com os usuários, oferecendo-lhes um serviço de melhor qualidade, pautados nas diretrizes e normas estabelecidas no Código de Ética, que norteia a intervenção profissional do assistente social. Visando essa concretização, é de fundamental relevância que o profissional esteja em constante aprendizado, atualização e requalificação, tendo em vista a dinamicidade do processo dialético de transformação da sociedade, com o surgimento de novos paradigmas a cada momento, demandando desafios para o serviço social.

Cumprir recomendar a necessidade de ampliação da equipe técnica do PROATI, sobretudo profissionais do serviço social e psicologia, a fim de oferecer aos grupos um trabalho mais sistemático e constante, promovendo então, atendimentos individuais e grupais, em resposta às freqüentes demandas emergentes e a expectativa dos grupos, conforme evidenciado na maioria das entrevistas realizadas.

---

<sup>12</sup> Nesse sentido, segundo Kinoshita (2004, p.33) “a cidadania enquanto transformadora, concreta e solidária encontra sua viabilidade na democracia participativa [...] em cuja essência se encontra a supremacia da vontade dos cidadãos no sentido de que se o único poder legítimo é o que emana da vontade dos cidadãos, a participação representa a expressão da liberdade assegurada.”

Outra sugestão relevante, é quanto a ampliação do campo de estágio do curso de serviço social junto ao PROATI, especificamente no projeto abordado, proporcionando conhecimentos teóricos e práticos nesta área. Constitui-se instrumento importante na troca de experiências, o que contribui para a desmistificação alusiva ao trabalho profissional desenvolvido com os idosos, o qual dentro da própria academia, muitas vezes ainda é visto somente sob a ótica do lazer, numa visão reducionista e distorcida da realidade profissional evidenciada.

Convém ressaltar que a experiência prática de estagiária no PROATI, atuando junto aos grupos de convivência, foi enriquecedora, pois possibilitou à pesquisadora a oportunidade ímpar de conhecer uma realidade do ser humano até então desconhecida, que a sociedade atual tudo faz para ocultar, e que infelizmente não é abordada pelo currículo do curso. Esses conhecimentos adquiridos através da experiência prática, certamente jamais seriam alcançados por meio tão somente das aulas teóricas da Universidade.

Outra recomendação de extrema relevância, refere-se a necessidade urgente da inclusão da questão social do idoso e do processo de envelhecimento do ser humano, no currículo do curso de serviço social, por tratar-se de uma fase do processo de desenvolvimento da pessoa humana. Nessa perspectiva, torna-se mister uma maior aproximação entre o departamento do curso e o Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI da Universidade Federal de Santa Catarina, visando a conquista deste espaço de excelência para o exercício de estágio curricular nesta área. Ressaltando que, conforme preconiza a Política Nacional do Idoso (artigo 3º, inciso II), “o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos”.



O ser humano é um ser essencialmente social, ele existe, se faz, se constrói e se transforma através da interação com os outros socialmente, isto é, a essência humana existe a partir do processo de socialização. O que o distingue fundamentalmente dos outros seres vivos que habitam a Terra, para Marx (1968) é a sua inteligência, isto é, a capacidade de imaginação, de construir mentalmente “a priori” suas ações futuras e de antever os seus respectivos resultados. Nesse sentido, o autor ressalta que a diferença entre o pior arquiteto e a melhor abelha é a possibilidade que o primeiro tem de figurar na mente o que planeja construir, antes de executar a ação. Desse modo, segundo Marx (*ibid*, p.202), “no fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador”.

A capacidade de abstração é o único instrumento possível para pensar e entender a atual sociedade. Assim sendo, as categorias abstratas (o Estado, a política, as leis, as religiões, o trabalho, a família, entre outros), ao invés de se constituírem somente “emanações da bondade Divina”, são resultados das relações sociais estabelecidos pelos seres humanos de acordo com o seu modo de produção material.

Assim sendo, essas categorias abstratas, frutos das relações sociais, segundo as palavras de Marx (1966, p.251), “tem, portanto, tão pouco de eternas quanto as relações a que servem de expressão. São produtos históricos e transitórios”. Do contrário, quando vistas separadas da ação material humana, acabam tomando vida própria e sendo responsáveis pela história, substituindo os próprios seres humanos e conseqüentemente, tornando-se imortais e imutáveis.

Nesse sentido, cumpre relatar que as leis elaboradas pelos seres humanos também são puras abstrações sociais, políticas, culturais, históricas e transitórias, as quais visam regular certas relações sociais, buscando manter a “ordem social” vigente específica.

No que tange ao cenário brasileiro, é inegável, portanto, a existência de legislações bastante avançadas no Brasil Legal, a exemplo da Constituição Federal de 1988<sup>13</sup>, a Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT<sup>14</sup>, a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso, todavia os direitos individuais e coletivos constitucionais não tem existência no Brasil Real para a grande maioria da população, a qual não tem sequer consciência de seu direito de existir ou do direito a ter direito e menos ainda do direito de participação no processo de exercício da cidadania neste país que se diz democrático. Percebe-se, portanto, a dicotomia brasileira, na qual os direitos são proclamados no Brasil Legal, todavia são negados e inexistem no Brasil Real, submergidos na trama das relações sociais estabelecidas. O país que sempre pensou ser o “país do futuro”, que se industrializou, urbanizou e proclamou direitos, todavia, de outro lado, persiste um atraso que ata o país às raízes de seu passado patriarcal e resiste a modernidade, segundo Telles (1999). Essa dualidade brasileira, nas palavras da autora, deve-se a “um jogo político muito excludente, que repõe velhos privilégios, cria outros tantos e exclui as maiorias”. (*ibid*, p.84).

No entanto, cumpre recordar que essas leis são abstrações sociais, as quais preconizam os direitos individuais e coletivos, todavia são incapazes de garantir sua execução efetiva e o seu acesso por todos aqueles que teriam por direito. No contexto das relações sociais e políticas estabelecidas no Brasil, o indivíduo destituído de posses também é visto como desprovido de direitos.

Visto isto, cabe concluir que essas ambigüidades e ambivalências demonstram o quanto é penoso e conflituoso o caminho na direção de uma sociedade mais igualitária e

---

<sup>13</sup> Segundo Netto (1996,p.104) “o ordenamento constitucional de 1988 (manifestação da anterior densidade das aspirações democráticas) viu-se logo colocado na contracorrente: já desde o capítulo aventureiro (mais para a crônica policial que para a resenha política) de Collor de Mello, a Constituição Federal de 1988 tornou-se o alvo do grande capital.”

<sup>14</sup> Segundo Noronha (2003, p.122) “A CLT definiu parâmetros do bom contrato de trabalho, mas foi incapaz de definir o inaceitável.”

democrática. As conquistas são obtidas sob a trama das relações sociais e políticas, norteadas por regras excludentes, as quais repõem velhas hierarquias, criam outras e excluem as maiorias. Entretanto, diante desse cenário conflituoso e antagônico, é possível a partir dessa sociedade civil atuante e participante, vislumbrar horizontes melhores rumo a uma utopia democrática e transformadora.

Para Marx, todavia, trata-se do mundo concreto, objetivo, real e histórico, isto é, o mundo do ser humano e dos seres humanos, o mundo construído pelos próprios seres humanos todos os dias na própria medida em que existem e vivem, a partir da interação social e sobretudo da ação humana (consciente ou não).

No cenário brasileiro extremamente complexo e contraditório, marcado por profundas desigualdades sociais e antagonismos, segundo Netto (1996), emergem as transformações societárias, afetando diretamente o mundo das profissões, isto é, configuram-se como novas demandas que exigem destes profissionais respostas qualificadas à essas problemáticas emergentes. Desse modo, segundo visualiza o autor, essa demanda não tende a diminuir, entretanto, a conversão dessa possibilidade em demanda real e objetiva do serviço social, dependerá sobretudo da capacidade de resposta desses profissionais à demanda emergente e da sua compatibilidade com a hegemonia política vigente. Nas palavras do autor “se não for capaz de elaborar respostas qualificadas para as demandas [...] o serviço social pode muito bem definhir e tornar-se um exercício profissional residual”. (*ibid*, p.115)

Quanto as projeções futuras de atuação do serviço social, torpe Netto (1996), o mercado de trabalho (as novas demandas e as tradicionais) exige desses profissionais mais criatividade e eficácia operativa, isto é, respostas eficientes conforme sua competência teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política. Desse modo conclui o autor “a questão do espaço profissional não pode ser tomada a partir de um ponto de vista

corporativo, mas deve ser apreendida na perspectiva de *novas competências*". (*ibid.* p. 123) (grifo do autor).

No que tange a intervenção prática do serviço social, Netto (1996) aponta o confronto de dois paradigmas de profissionais: o *técnico* bem adestrado, executor, o qual atua sobre as demandas conforme elas se apresentam, ou o *intelectual*, aquele que intervém com qualificação operativa, a partir de sua compreensão teórico-crítica, identificando a significação, os limites e as alternativas da ação focalizada.

Diante do exposto, faz-se necessário, então, visualizar o assistente social inserido no mundo institucional, especialmente o público, pautado nas relações de poder e na correlação de forças. Para o seu fazer profissional, segundo Merhy (1997), existem duas questões indissociáveis e determinantes, a saber: a sua competência teórico-metodológica e ético-política, bem como a realidade sócio-institucional. Desse modo, a instituição não é mero condicionante, é uma abstração construída socialmente, na qual o assistente social não age individualmente, ele atua inserido no contexto institucional, a partir de suas relações estabelecidas e construídas no cotidiano, trata-se portanto de trabalho coletivo.

Assim sendo, a instituição é uma abstração social, todavia de forma oposta, quando tomada em si mesma com vida própria, separada dos seres humanos e da sua ação material, nega-se sua criação humana, a qual torna-se imortal e imutável, possibilitando, então, a naturalização das realidades respectivas construídas socialmente. Conseqüentemente reafirma-se e legitima o controle social estabelecido. Desse modo, a ação profissional não busca alterar essas realidades, apenas se adapta e se molda aos seus parâmetros.

Neste cenário institucional, reportando-se a Merhy (1997), o qual infere a noção de impotência no processo de trabalho em micropolítica<sup>15</sup>. Nas palavras do autor:

Na micropolítica do processo de trabalho não cabe a noção de impotência, pois se o processo de trabalho está sempre aberto a presença do trabalho vivo em ato, é porque ele pode ser sempre “atravessado” por distintas lógicas que o trabalho vivo pode comportar. Exemplo disso é a criatividade permanente do trabalhador em ação numa dimensão pública e coletiva, podendo ser “explorada” para inventar novos processos de trabalho, e mesmo para abri-lo em outras direções não pensadas”. (*ibid.* p.100).

De acordo com o referido autor, não cabe a noção de impotência como algo definitivo e sim apenas provisório, isto é, o assistente social deve ser suficientemente competente e criativo para romper com os limites instituídos, superando assim os obstáculos encontrados, os quais não podem representar o fim de sua atuação e jamais justificar suas omissões e insucessos. Cabe, então, ao assistente social, conforme suas intervenções profissionais reais, concretas e cotidianas, configurar-se portanto, conforme abordagem marxista sobre o trabalho humano, como o “arquiteto”, pressupondo a construção mental “a priori” da ação futura, ou a “abelha”, a qual age por um comando instintivo, apenas executa. Nesse sentido, segundo o autor “há uma abelha genérica, uma abelha em geral, que de geração em geração repete os mesmos rituais, da mesma forma.” (MERHY, 1997, p.81).

Com base no exposto até então e tendo em vista que a produção do conhecimento exige que o pesquisador transcenda a aparente naturalidade do mundo das representações comuns e abstratas, em direção às essências, com o intuito de visualizar possíveis soluções que respondam as questões emergentes, isto é, transcendê-las, no sentido de vislumbrar horizontes melhores rumo a uma utopia democrática, uma sociedade mais justa e igualitária, digna, humana e fraterna, pautada no respeito e na garantia real dos Direitos

---

<sup>15</sup> A micropolítica do trabalho vivo, segundo Merhy (1997), refere-se ao espaço específico de atuação de qualquer profissional no processo de trabalho, no qual ele detém certa autonomia e controle (autogoverno), conforme seus conhecimentos e competências.

Humanos<sup>16</sup> para todos os indivíduos do planeta, considerando esses direitos humanos<sup>17</sup> como um processo inacabado, contínuo, no qual primazia a garantia de todos os seus direitos (civis, políticos, econômicos, sociais e culturais), possibilitando assim, o seu desenvolvimento integral no âmbito material e espiritual, numa dimensão ampla da pessoa humana, segundo Kinoshita (2004).

Finalizando, cumpre concluir que, diante do exposto no que tange a questão do idoso, no Brasil, faz-se necessário o incremento de políticas públicas que atendam seus anseios e necessidades imediatas, a curto prazo. Todavia, transcendendo a imediatidade e visualizando a longo prazo, o mundo ideal e possível de se concretizar a partir da ação humana, considerando a evolução da humanidade, a qual segundo Kinoshita (2004, p.39), passa por um período de transição de “uma cultura de repressão para a cultura da prevenção, de uma cultura da violência<sup>18</sup> para uma cultura da Paz<sup>19</sup>”, na qual o respeito e o tratamento digno que o idoso é merecedor por direito, certamente não ocorrerá através de estatutos e leis impositivas. Segundo o autor, deve haver uma mudança de mentalidade, de comportamentos, de valores e atitudes, a partir da educação inicialmente no âmbito familiar estendendo-se pela prática escolar, a partir da educação para a Paz, para o respeito à dignidade de toda e qualquer pessoa humana. Trata-se, portanto, da educação para a

---

<sup>16</sup> Segundo Kinoshita (2004) a pré-história dos Direitos Humanos funda-se no Código de Hamurabi no ano de 1730 aC e posteriormente com os Dez Mandamentos elencados no Antigo Testamento. O autor defende a educação em direitos humanos como uma mudança de mentalidade, a qual deve começar no âmbito familiar e permear toda a prática escolar, cujo objetivo primordial é formar cidadãos empenhados na erradicação das injustiças e na construção de um mundo verdadeiramente humano. Enfim, trata-se de uma educação para a Paz, para o respeito à dignidade de todo e qualquer ser humano, o reconhecimento do outro, seja ele quem for, detentor dos mesmos direitos, a mesma dignidade, a aceitação da pluralidade cultural, com a superação da intolerância e dos mais diversos tipos de preconceitos.

<sup>17</sup> Considerando que a “defesa intransigente dos direitos humanos” é um dos princípios fundamentais do código de Ética do assistente social (1993, p.17).

<sup>18</sup> Para Kinoshita (2004, p.38) “a violência não é determinada biologicamente, e tampouco o fato de que os seres humanos não estão pré-destinados a serem violentos em suas atitudes.”

<sup>19</sup> Segundo a Assembléia Geral das Nações Unidas apud KINOSHITA (2004, p. 37) “A Paz é mais do que a simples ausência de violência ou conflitos, mas um processo positivo, dinâmico, participativo que favorece o diálogo e a solução de controvérsias dentro de um espírito de compreensão mútua e de cooperação.”

humanização, o reconhecimento e respeito ao próximo, seja ele quem for, através da cultura da paz, a qual não poderá jamais ser instituída coercitivamente pelas leis, a paz não pode ser imposta, ao contrário, ela é construída e deverá nascer dentro de cada ser humano e expandir-se a toda a família humana, transformando assim as relações sociais e consequentemente construindo um mundo melhor para se viver.

\ Ao concluir este trabalho, pautado na experiência prática curricular e extracurricular de três anos, junto aos grupos de convivência para a terceira idade, vinculados a Prefeitura Municipal de Florianópolis, cumpre constatar que a velhice no Brasil, ainda é tratada com total desinteresse e descaso. Para o poder público, os “idosos” são números que provocam um déficit na Previdência Social e oneram o Sistema Único de Saúde – SUS; para a sociedade que não quer recordar o passado que eles próprios construíram, os tratam com indiferença ou insignificância.

Com efeito, fica em aberto algumas questões que surgiram durante a construção do presente trabalho, as quais serão respondidas a partir das futuras ações humanas, emergidas na trama das relações sociais a serem estabelecidas: Que democracia é essa que tanto se fala e almeja construir, atualmente, se não é considerado, respeitado e incluído neste processo o principal responsável pela construção do presente no passado? Como construir o futuro ignorando o passado, excluindo o próprio idoso, que é o elo entre o presente e o passado, isto é, o guardião da memória coletiva?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUSTINI, F. Coruja. **Introdução ao direito do idoso**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003.

ANAIS do I Seminário Internacional: **Envelhecimento Populacional**. Brasília, 1996.

ANDRADE, Vera Regina Pereira. **Cidadania: Do Distrito aos Direitos Humanos**. Editora Academia, 1993.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice – a realidade incômoda**. 2. ed. São Paulo: Difusão Editorial, 1976.

BETO, Frei. Como deixar se moldar pelo sistema. **Revista Caros Amigos**. São Paulo: Setembro, 2000.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição Federal de 1988**. Brasília-DF: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei Federal nº 10.741 de 01 de outubro de 2003. Brasília-DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 2004.

BRASIL. **Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS**. Lei nº 8.742 de 07 de dezembro de 1993. Congresso Nacional. Brasília, 1993.

BRASIL. **Política de Atenção ao Idoso**. Brasília-DF: Ministério da Previdência e Assistência Social, novembro/1996.

BRASIL. **Política Nacional do Idoso**. Lei Federal nº 8.842 de 04 de janeiro de 1994. Brasília-DF: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 1998.

BRASIL. Florianópolis. **Política Municipal do Idoso**. Lei Municipal nº 5.371 de 24 de setembro de 1998. Prefeitura Municipal de Florianópolis, 1998.

BRASIL. **Código de Ética Profissional do Assistente Social – CFESS**. Lei nº 8.662/1993 de regulamentação da profissão. 3. ed. Brasília, 1993.

BRASIL. **População residente por faixa etária segunda município e federação**. IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 08 / agosto / 2004.

BRASIL. **Síntese de Indicadores Sociais, 2000**. Rio de Janeiro: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2001.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade – lembranças dos velhos**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



CARTER, B. e MCGOLDRICK, M. **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Uma estrutura para terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.07-27.

CARVALHO, M.C.B. A priorização da família na agenda da Política Social. **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1994.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. LANE, Silvia T.M. & CODO, Wanderley (org) **Psicologia Social – o homem em movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p.58-75.

CORDEIRO, José Lucas. Gasto federal com Assistência Social e suas fontes de financiamento-1990-1997. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2000.

COSTA, Elizabeth M. Sene. **Gerontodrama: a velhice em cena- estudos clinicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade**. São Paulo: Agora, 1998.

COVRE, M.L.M. **O que é Cidadania**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

DEMO, Pedro. Desenvolvimento e Política Social: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, 1978.

DEBERT, Guita Grim. **Desbravando fronteiras e redefinindo padrões**. IDOSOS: Dignidade, Cidadania , Utopia. Revista Tempo e Presença. São Paulo, v. 14, n. 264, julho/agosto. 1992.

FALEIROS, Vicente de P. Serviço Social: Questões Presente para o Futuro. **Serviço Social & Sociedade**, n. 50, ano XVII, abril/1996, p. 9-39.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFMAN, Ervin. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOMES, Ana Lígia. O Benefício de Prestação Continuada: uma trajetória de retrocessos e limites. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, ano XXII, n. 68, nov.2001b, p.111-139.

GUIMARÃES, R.F. Famílias: uma experiência em grupo. **Serviço Social & Sociedade**, n 71. São Paulo: Cortez: 2000.

IAMAMOTTO, Marilda Villela. O Serviço social na Contemporaneidade: Dimensões históricas, teóricas e ético-políticas. **Revista CRESS**. N. 06, Fortaleza. 1997.

\_\_\_\_\_. **O Serviço Social na Contemporaneidade: Trabalho e Formação Profissional**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KAISER, Dalva M. Conselho Municipal do Idoso: Potencialidades e Limites na Gestão de Defesa dos Direitos do Idoso. – TCC/UFSC, Florianópolis, 2003.

KINOSHITA, Fernando. **Combatendo a violência e a delinquência através dos Direitos Humanos, do desenvolvimento progressivo da democracia e de uma cultura da paz.** Centro de Ciências Jurídicas – UFSC. A ser publicado. Florianópolis, 2004.

KUNDERA, Milan apud AGUSTINI, F. Coruja. **Introdução ao direito do Idoso.** Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003.

LOUREIRO, Altair M.L. **A Velhice, o Tempo e a Morte.** Brasília: Editora da UNB, 1998.

LUNA, Iuri e BAPTISTA, L.C. Identidade profissional: prazer e sofrimento no mundo do trabalho. **Psicologia Revista** / Faculdade de Psicologia da PUC-SP. São Paulo. v. 12, n. 1, p. 39-51, maio 2001.

LUNA, Sérgio V. **Planejamento de Pesquisa:** uma introdução. São Paulo: EDUC / PUC-SP, 2002.

MARINO, Eduardo. **Manual de Avaliação de Projetos Sociais.** 2. ed. São Paulo: Saraiva: Instituto Ayrton Senna, 2003.

MARTINEZ, Wladimir Novaes. **Direitos dos Idosos.** São Paulo: LTR, 1997.

MARX, Karl. **K.Marx, F.Engels:** obras escolhidas. v. 3. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1966.

\_\_\_\_\_. **O Capital.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MAZO, G.Z. **Atividade física e o idoso:** concepção gerontológica. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MERHY, E.E. Em busca do tempo perdido: a micro-política do trabalho vivo em saúde. In: MERHY, E.E. & ONOCKO, R. (Org) **praxis en Salud: un desafío para lo público.** Buenos Aires: Lugar Editorial, São Paulo. Hucitec, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias** – Funcionamento e Tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, p.52-69.

MIOTO, Regina C. Tamasso. Família e Serviço Social – Contribuições para o debate. **Serviço Social e Sociedade** n. 55 – São Paulo: Cortez 1977, p 114 – 130.

\_\_\_\_\_. O Trabalho com Redes como procedimentos de intervenção profissional: o desafio da requalificação dos serviços. **Revista Katalysis** v. 5, n-1. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002, p. 51-58.

\_\_\_\_\_. Cuidados sociais dirigidos à família e segmentos sociais vulneráveis. **Cadernos CEAD**, módulo 04. Brasília: UNB, 2000.

NEDER, Gizlene. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. KALOUSTIAN, S.M. (Org.) **Família Brasileira Base de Tudo**, 4. ed. São Paulo: Cortez : UNICEF, 2000, p. 26-46.

NETO, Otavio C. O trabalho de campo como descoberta e criação. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. MINAIO, Maria Cecília S (org), Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. O trabalho de campo como descoberta e criação. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NETTO, José Paulo. Transformações societárias e Serviço Social. Notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, ano XVII, n 50. São Paulo: Cortez , abr/1966, p. 87-132.

NORONHA, Eduardo G. “Informal, Ilegal, Injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 53. São Paulo, out./2003, p.111-129.

OLIVEIRA, Francisco. Neoliberalismo à brasileira. SADER, E.; GENTILI, P. (org). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. **A economia brasileira: crítica a razão dualista**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Disponível em <[htt:www.pmf.sc.gov.br](http://www.pmf.sc.gov.br)>, Acesso em 22 / set. /2004.

PEIXOTO, Clarisse. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. BARROS, Myriam M.L. (Org). **Velhice ou Terceira Idade?** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2000.

PLANO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL / Prefeitura Municipal de Florianópolis – **Secretaria Municipal de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social** – 2002-2005.

RAMIREZ, G.C. apud COSTA, Elizabeth M. Sene. **Gerontodrama: a velhice em cenários clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade**. São Paulo: Agora, 1998.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES 2003 – Secretaria de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social – **Prefeitura Municipal de Florianópolis**: ed. Janeiro/2004.

ROLLIN, I.S. **Grupo de convivência para terceira idade: uma busca do sentido de ser e existir**. Trabalho de conclusão de curso de serviço social – UFSC/1998.

RÚDIO, Franz Victor. **Compreensão humana e ajuda ao outro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

SALVATI, Ideli. Estatuto do Idoso. Brasília-DF: **Centro Gráfico do Senado Federal**, 2004.

SANTOS, Boaventura S. Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, M. Lucia. Cidadania, globalização e previdência social. **Serviço Social & Sociedade**, ano XXII, n. 68. São Paulo: Cortez, nov. 2001, p. 5-16.

SPOSATI Aldaiza. Globalização da economia e Processos de Exclusão Social. **Curso de capacitação em Serviço Social e Política Social**, Módulo 01. Brasília: CEAD – Universidade de Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. Pobreza e cidadania no Brasil Contemporâneo. Um comentário do relatório da Comissão Mista Especial na Câmara e do Senado. **Serviço Social & Sociedade** n. 63. São Paulo: Cortez, 2000.

STEIN, Rosa H. A descentralização como instrumento de ação política e suas controvérsias. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, ano XVIII, n. 54, jul. 1997, p. 75-95.

TELLES, Vera. Direitos sociais: afinal do que se trata? **Pobreza e cidadania**: figurações da questão social no Brasil Moderno. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

VIANA, Masilene Rocha. Lutas sociais e redes de movimentos sociais no final do século XX. **Serviço Social & Sociedade** Ano XXI, n. 64. São Paulo: Cortez, 2000.

VIEIRA, Albertina T. S. Cadastro dos grupos de convivência para idosos em Florianópolis, SC. Florianópolis: PMF/SHTDS – **Programa de Atenção à Terceira Idade** – PROATI, 2003.

WAGNER, Elvira C. M. apud AGUSTINI, F. Coruja. **Introdução ao direito do idoso**, Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003.

ZIMERMAN, David E. e OSÓRIO, Luiz Carlos. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. ✓

ZIMERMAN, Guite T. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. São Paulo: Artes Médicas Sul, 2000. ✓

## **APÊNDICE**

# Entrevista a Grupos de Idosos para TCC

## Grupo Alegria de Viver - Jurerê

### Dados Pessoais:

Nome do Integrante: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Há quanto tempo reside em Florianópolis? \_\_\_\_\_

### **Aposentado:**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Desde \_\_\_\_\_

Com terceiros \_\_\_\_\_

### **Escolaridade:**

Não alfabetizado \_\_\_\_\_

Até qual série? \_\_\_\_\_

### **Mantém atividade remunerada:**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Qual \_\_\_\_\_

### **Estado civil:**

Casado(a) \_\_\_\_\_

Solteiro(a) \_\_\_\_\_

Viúvo (a) \_\_\_\_\_

União estável \_\_\_\_\_

### **Profissão:**

\_\_\_\_\_

Nº filhos: \_\_\_\_\_

### **Religião:**

\_\_\_\_\_

### **Condições de Habitação:**

própria \_\_ cedida \_\_ alugada \_\_

### **Com quem reside:**

Sozinho \_\_\_\_\_ Só casal \_\_\_\_\_

Familiares (quais) \_\_\_\_\_

# Entrevista a Grupos de Idosos para TCC

## Grupo Alegria de Viver - Mocotó

### Dados Pessoais:

Nome do Integrante: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Há quanto tempo reside em Florianópolis? \_\_\_\_\_

### **Aposentado:**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Desde \_\_\_\_\_

### **Escolaridade:**

Não alfabetizado \_\_\_\_\_

Até qual série? \_\_\_\_\_

### **Mantém atividade remunerada:**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Qual \_\_\_\_\_

### **Estado civil:**

Casado(a) \_\_\_\_\_

Solteiro(a) \_\_\_\_\_

Viúvo (a) \_\_\_\_\_

União estável \_\_\_\_\_

### **Profissão:**

\_\_\_\_\_

Nº filhos: \_\_\_\_\_

### **Religião:**

\_\_\_\_\_

### **Condições de Habitação:**

própria \_\_ cedida \_\_ alugada \_\_

### **Com quem reside:**

Sozinho \_\_\_\_\_ Só casal \_\_\_\_\_

Familiares (quais) \_\_\_\_\_

Com terceiros \_\_\_\_\_

## 2 – REFERENTE SUA PARTICIPAÇÃO NO GRUPO DE IDOSOS:

Há quanto tempo você está no grupo? \_\_\_\_\_

Por que você decidiu fazer parte deste grupo? \_\_\_\_\_

Hoje, o que o atrai no grupo? \_\_\_\_\_

Quais as atividades que você considera interessante e que, na sua opinião, deveriam permanecer nos encontros do grupo? Por quê? \_\_\_\_\_

E quais atividades que você não considera interessantes? Por quê? Você teria alguma sugestão para substituí-las? \_\_\_\_\_

De que forma são planejadas e organizadas as atividades no seu grupo? \_\_\_\_\_

Em momentos de conflitos internos, como o grupo resolve esse tipo de problema? \_\_\_\_\_

Como são tomadas as decisões no seu grupo? Há participação de todos? \_\_\_\_\_

O grupo propicia a sua participação e permite que você se expresse? \_\_\_\_\_

O que mudou na sua vida (familiar/individual) com a sua participação no grupo? \_\_\_\_\_

Você teria alguma sugestão ou crítica para fazer em relação ao seu grupo? \_\_\_\_\_

## 3 – REF. O TRABALHO DESENVOLVIDO PELO PROATI:

Quais as atividades desenvolvidas para os idosos pela Prefeitura Municipal de Florianópolis que você conhece? \_\_\_\_\_

Através de qual programa são realizadas essas atividades? \_\_\_\_\_

Dessas atividades, quais são mais relevantes/interessantes para você e o grupo? \_\_\_\_\_

Você acha que é preciso melhorar alguma coisa? O que? \_\_\_\_\_

Na sua opinião, o trabalho do assistente social no grupo é importante? Por quê? \_\_\_\_\_

Sugestões: \_\_\_\_\_



## **ANEXOS**

GRUPO ALEGRIA DE VIVER – JURERÉ



Pref Munic. e apresentação do coral

## GRUPO DE IDOSOS ALEGRIA DE VIVER - MOCOTÓ



Bingo Comunitário. (trabalhos manuais confeccionados pelo grupo)



Reunião semanal com o grupo

## ENCONTRO INTER-GRUPAL - MOCOTÓ



ABERTURA OFICIAL DO MÊS DO IDOSO - SETEMBRO/2004



Sr. Alfons Schneider – Vice-presidente do CMI



Casal que ilustra a capa do Estatuto do Idoso

ABERTURA OFICIAL DO MÊS DO IDOSO - SETEMBRO/2004



Sr. Alfons Schneider – Vice-presidente do CMI



Casal que ilustra a capa do Estatuto do Idoso